

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIA E
TECNOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

FLÁVIO MADALOSSO VIEIRA

**INSTRUMENTO DE REVISÃO REDACIONAL E METODOLÓGICA
PARA APLICAÇÃO AVALIATIVA EM TRABALHOS
ACADÊMICOS**

DISSERTAÇÃO

**PONTA GROSSA
2010**

FLÁVIO MADALOSSO VIEIRA

**INSTRUMENTO DE REVISÃO REDACIONAL E METODOLÓGICA
PARA APLICAÇÃO AVALIATIVA EM TRABALHOS
ACADÊMICOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de Ciência e Tecnologia, área de Concentração: Ciência e tecnologia no contexto do ensino-aprendizagem, da Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação, do Campus Ponta Grossa, da UTFPR.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti

PONTA GROSSA
2010

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento de Biblioteca
da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Ponta Grossa
n.5 /11

V665 Vieira, Flávio Madalosso

Instrumento de revisão redacional e metodológica para aplicação avaliativa em trabalhos acadêmicos. / Flávio Madalosso Vieira. -- Ponta Grossa: [s.n.], 2011.
75 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Ponta Grossa. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia. Ponta Grossa, 2011.

1. Normalização bibliográfica. 2. ABNT – Normas. 3. Redação – Não-conformidades. Formatação – Não-conformidades. Trabalhos acadêmicos - Avaliação. I. Pilatti, Luiz Alberto. II. Universidade Tecnológica Federal do

TERMO DE APROVAÇÃO

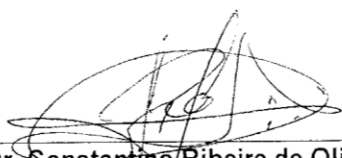
Título de Dissertação Nº 17/2010

INSTRUMENTO DE REVISÃO REDACIONAL METODOLÓGICA PARA APLICAÇÃO AVALIATIVA EM TRABALHOS ACADÊMICOS

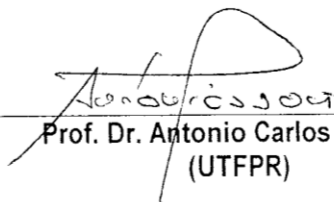
por

Flávio Madalosso Vieira

Esta dissertação foi apresentada às **14 horas de 19 de novembro de 2010** como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, com área de concentração em Ciência, Tecnologia e Ensino, linha de pesquisa em **Educação Tecnológica**, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.



Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira
Júnior (UEPG)




Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson
(UTFPR)



Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia da Luz Stadler
(UTFPR)

Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti (UTFPR) -
Orientador

Visto do Coordenador:



Prof. Dr. Guataçara dos Santos Junior
Coordenador do PPGECT

**Ao meu pai Guaracy (*in
memoriam*) e aos meus
filhos Felipe e Cynthia.**

AGRADECIMENTOS

Justiça! O cunho vernáculo do vocábulo expressa toda a sua amplitude de responsabilidade ao ser humano que tenta viver próximo de Deus. Não é fácil praticá-la, principalmente para quem tem a consciência de que o homem é, como ser social, dependente de seus semelhantes e de seu Criador, a Quem se deve toda louvação pela vida, pela maneira como bem conduz o seu viver e, também, pelo que Dele recebe em forma de atitudes dos familiares e amigos.

Justiça! Tão necessária quanto difícil pô-la em prática. Necessária porque expressa o caráter de quem a pratica; difícil porque sempre a memória do praticante acaba por traí-lo, o que não é justo e vai de encontro aos ditames da representatividade do termo.

Então, mesmo correndo o risco de cometer injustiça, arrolam-se nomes importantes na construção deste trabalho e na obtenção do título, cuja conquista se deve às bênçãos e graças de Deus que, dentre tantas e tantas benesses, pôs no caminho deste mestrandando amigos, muitos amigos, alguns em forma de familiares, outros em forma de colegas, outros em equipes, que se empenharam, alguns com mais intensidade, outros com dedicações, troca de ideias, de informações, de conversas, de coleguismos, de incentivos, de tempo dedicado a um trabalho alheio.

Nomes? Tão necessário colocá-los aqui para registrar o quanto contribuíram para esta realização, quanto perigoso pelo risco de esquecer alguém. Foram muitos os que se empenharam, cada um em área específica como, por exemplo, o Pilatti – assim o trato aqui pela cara amizade – cuja orientação determinada e segura deu todas as condições para a conclusão do trabalho, ensinando, municiando, incentivando, cobrando e mostrando o caminho; o Fábio Mainginski, que não apenas colaborou, mas também vivemos juntos a trajetória do Mestrado e fortalecemos amizade e coleguismo; o Celso e o Vinícius que, como colegas de magistério e amigos, me deram a satisfação de juntos vivermos a aventura da pós-graduação; os amigos da Coordenação de Informática que incentivaram e torceram por mim; o Ira e o Davi, da Mecânica, que sempre incentivaram; os alunos do primeiro período dos cursos de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e de Automação Industrial e do Bacharelado em Ciência da Computação; os 13 professores que

se dispuseram a analisar e avaliar, como cobaias, a minha proposta de produto; os colegas e amigos da primeira turma do Programa de Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia da UTFPR/PG, especialmente a Adriane, a Márcia, o Renato, o Eduardo, e os professores do curso; o Elson, da Biblioteca ; minha mãe Célia, minha irmã Alcione ; meus filhos, meu pai...

Justiça! Termo fácil de escrever, de pronunciar ... mas difícil de pôr em prática o seu significado ... eu sabia ... a memória falharia pondo-me em situação difícil ... mas o coração não mente, não esquece e não comete injustiça porque nele estão todos que me são caros e que me ajudaram a construir este trabalho e atingir mais este objetivo da minha vida.

A todos cujos nomes aqui se arrolou e àqueles que pensam que foram esquecidos, o sincero e profundo MUITO OBRIGADO!

**A persistência é a arma mais
poderosa para transformar
os sonhos em realidade.**

Sérgio Escorsim

RESUMO

VIEIRA, Flávio Madalosso. Instrumento de revisão redacional e metodológica para aplicação avaliativa em trabalhos acadêmicos. 2010. 82 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia – Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de Ciência e Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Ponta Grossa, 2010.

O presente trabalho tem como objeto de estudo a identificação de problemas e não- conformidades do uso da Língua Portuguesa e da aplicabilidade das normas da ABNT, bem como objetivou a elaboração de uma ferramenta específica para auxiliar a elaboração e otimizar a avaliação de trabalhos acadêmicos de todos os níveis do ensino. Partindo-se da identificação de problemas em dissertações já defendidas, realizou-se a revisão da literatura concernente, elaborou-se uma relação de não-conformidades, donde se originou a primeira versão da Lista de Verificação, título do produto em lide neste trabalho, para, após a validação por doutores em Metodologia, ser aplicada em teste-piloto, que ofereceu subsídios para a melhoria do trabalho, tal como a alocação de legenda em cada um dos itens, sendo, então modificado conforme a indicação e aplicado a um grupo de 96 colaboradores, entre alunos de graduação e professores, que ofereceram como resultado a necessidade de readaptar a lista em alguns itens especificados no capítulo de Resultados e Discussões, muito embora tenha ficado claro, pelos usuários, que o produto é eficiente, de aplicabilidade simples e que oferece reais condições de facilitar o seu uso, independente do nível educacional a que se deseje aplicá-la.

Palavras-chave: Lista de Verificação. Uso das normas da ABNT. Não-conformidades redacionais. Não-conformidades de formatação. Avaliação de trabalhos.

ABSTRACT

Vieira, Flávio Madalosso. Instrument review and drafting of methodology for implementation in academic evaluation. 2010. 82 p. Thesis (MA in Teaching of Science and Technology Program - Graduate Professional Masters in Teaching of Science and Technology, Federal Technological University of Paraná. Ponta Grossa, 2010.

This work aims to study the problem identification and non-compliance of the use of the Portuguese language and the applicability of the norms of ABNT, and to develop a specific tool to help optimize the design and evaluation of academic all levels of education. Based on the identification of problems in theses, took place regarding the review of the literature, we developed a relationship of non-compliance, hence the origin of the first version of the checklist, under the product to deal with it because, after validation by physicians in the methodology used in the pilot study, which provided grants for improvement work, such as the attribution of the label each element and then modified as described and applied to a group of 96 employees, including graduate students and teachers, who volunteered in response to the need to readjust some items in the list provided for in section Results and discussion but it became clear to users that the product is effective, simple to apply and provides real-world conditions to facilitate their use, regardless of level of education in which you want to apply.

Keywords: checklist. Use ABNT standards. Nonconformities editorial. Nonconformities in order. Arbitrator.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
3 METODOLOGIA	40
3.1 ETAPAS	40
3.2 RESUMO ESQUEMÁTICO DAS ETAPAS	44
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
5 CONCLUSÃO	53
6 REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE A – Lista de Verificação analisada pelos especialistas	58
APÊNDICE B – Parecer do primeiro especialista	60
APÊNDICE C – Parecer do segundo especialista	61
APÊNDICE D – Lista de Verificação aplicada no teste-piloto	65
APÊNDICE E – Lista de Verificação aplicada aos colaboradores	66
APÊNDICE F – Lista de Verificação definitiva	70

1 INTRODUÇÃO

É imprescindível à redação de trabalhos acadêmicos a distinção clássica entre método de pesquisa e método de exposição, feita por Karl Marx, no posfácio à segunda edição de sua obra maior, *O capital*. Para Marx,

É, sem dúvida, necessário distinguir o método de exposição formalmente, do método de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que se esteja tratando de uma construção *a priori*. (MARX, 1983, p. 20).

A passagem evidencia a importância decisiva da exposição. Na redação e/ou ordenação do material produzido, o autor tem possibilidades de produzir avanços no conhecimento, dando-lhe assim uma contribuição singular. As escolhas narrativas e argumentativas possibilitam ao autor reinterpretar a profusão do material levantado e lançar um novo olhar sobre ele (GAGNEBIN, 2005).

De fato, na rota de raciocínio de Marx, deve-se conduzir um trabalho acadêmico de tal forma que sua qualidade seja contemplada totalmente. Então, o direcionamento se dá, primeiramente, com a definição do tema e suas ações subsequentes – referentes à pesquisa e à elaboração da redação para, a seguir, pôr em formatação adequada, conforme os ritos acadêmicos.

Assim é que a metodologia, como outras ciências, vai ganhando ferramentas, seja no campo da tecnologia, seja através da capacitação docente ou, ainda, de instrumentos de apoio.

Este é o ponto deste trabalho: uma ferramenta que dê suporte para a finalização de pesquisas nos parâmetros da metodologia, com o intuito de suprir necessidades presentes nos autores de trabalhos de diplomação, monografias, dissertações ou teses e, também, alunos de outros níveis, uma vez que a situação de incertezas não é exclusividade dos concluintes de cursos e o Instrumento objeto desta pesquisa pode, perfeitamente, servir a qualquer etapa da trajetória do ensino.

Especificamente, esta pesquisa não trata da qualidade política, mas sim da qualidade formal de trabalhos acadêmicos, ora centrada em dissertações de programas de mestrado em ensino de Ciência e Matemática.

Demo (2001, p. 14) faz distinção entre qualidade formal e qualidade política. **Qualidade formal** é a “[...] habilidade de manejar meios, instrumentos, formas, técnicas, procedimentos diante dos desafios do desenvolvimento”, ressaltando o manejo e a produção do conhecimento como expedientes primordiais para a inovação. A **qualidade política** tem como condição básica a participação do indivíduo, relacionando-se a fins, valores e conteúdos. Refere-se “[...] a competência do sujeito em termos de se fazer e de fazer história, diante dos fins históricos da sociedade humana”. Nesse sentido, tem-se a qualidade formal como meio e a qualidade política como fim. Essas duas dimensões da qualidade não podem ser entendidas como distintas, mas como faces do mesmo todo: a qualidade.

Qualidade formal, em essência, é o manejo do conhecimento. Para Demo (2001), a qualidade formal diz respeito aos meios e formas usados na produção do trabalho. Refere-se ao domínio de técnicas de coleta e interpretação de dados, manipulação de fontes de informação, conhecimento demonstrado na apresentação do referencial teórico e apresentação escrita ou oral em conformidade com os ritos acadêmicos. É o objeto específico deste trabalho, que compreende os cumprimentos dos ditames específicos da normalização, que se pode dividir em análise da grafia, que inclui, também, os aspectos redacionais, e a formatação, configurada pelas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT – que oferece os parâmetros necessários para a padronização de trabalhos acadêmicos produzidos no Brasil.

A qualidade formal versa sobre vários itens, detalhados no produto deste trabalho que se ocupa em identificar não-conformidades em dissertações através da análise pontual dos elementos formais que as compõem.

Este é o tema deste trabalho: a identificação de problemas e não-conformidades em dissertações já defendidas através da aplicação de um instrumento denominado “Lista de Verificação”, composto de itens relativos à composição redacional e a sua formatação, apresentação esta em

conformidade com os ritos acadêmicos, que dão os parâmetros para a formulação com qualidade de trabalhos acadêmicos.

Este trabalho se justifica pela necessidade de pesquisa específica mais aprofundada de análise realizada com esta intenção, ou seja, um instrumento que discuta a apresentação escrita em conformidade com os ritos acadêmicos, apesar de esta ser destacada em literaturas. Os trabalhos existentes, livros em sua maioria, destacam o “como usar as normas da ABNT”.

Umberto Eco, Eva Maria Lakatos, Délcio Vieira Salomon, Marina de Andrade Marconi, dentre outros tantos autores da área da Metodologia, apresentam, cada um a seu estilo, todos os ritos acadêmicos para a pesquisa e formatação de trabalhos técnico-científicos, porém em nenhum há de se encontrar, além das normas da ABNT, devidamente abordadas de forma a esclarecer e encaminhar pesquisa e formatação, qualquer indício de avaliação de monografias, dissertações e teses sob a ótica da qualidade formal.

O livro “Metodologia do Trabalho Científico” (1989), de Lakatos, informa que a sua intenção é mostrar, através de exemplificação, a estrutura metodológica para a correta elaboração de trabalhos acadêmicos, notabilizando os procedimentos de pesquisas, didáticos, técnicos e científicos.

Como se pode perceber, este é apenas uma das incontáveis obras literárias sobre o tema Metodologia e nele não há parâmetros avaliativos de textos compostos por acadêmicos.

Lucrécia D’Aléssio Ferrara, na “Apresentação à Edição Brasileira” de “Como se faz uma tese”, de Umberto Eco, é bastante clara ao afirmar que o texto dá indicações e conselhos para a elaboração de trabalhos acadêmicos que Eco generaliza como tese, independentemente do nível educacional em que seja produzido. Assim é que Ferrara apresenta o livro de Eco editado no ano 2000, afirmando que “[...] nesse sentido, é óbvio que a grande dificuldade está em não permitir que todo empenho se perca em rotina pouco produtiva de simples remendo da formação [...]”

A autora deste excerto põe escrito a exata abrangência do autor de “Como se faz uma tese” que trata a metodologia como forma de composição de textos acadêmicos, mas não dá, tal qual outros, os indicadores avaliativos dos trabalhos que seguem os ditames metodológicos.

Assim, a finalidade precípua deste trabalho é a produção desta ferramenta, ou instrumento avaliativo, que se denomina “Lista de Verificação”.

No desenvolvimento deste trabalho, adotou-se a seguinte estrutura, já considerando que nesta introdução há o delineamento do tema, a justificativa e o objetivo.

Na sequência, o capítulo sobre o referencial teórico mostra a estruturação bibliográfica, quais autores ofereceram subsídios para a identificação e compreensão dos problemas comumente encontrados em trabalhos acadêmicos, notadamente sobre a redação e formatação.

O capítulo da Metodologia expõe os passos da construção do produto desde a identificação dos problemas, passando pela revisão bibliográfica, levantamento de dados, elaboração da lista prévia, validação por especialistas – juízes – que deram os parâmetros da sua estrutura, a aplicabilidade e discussão em oficina específica com alunos e a composição da Lista de Verificação definitiva.

Os resultados e discussões concernentes a este trabalho foram elaborados após a aplicação definitiva, cujos indicadores vêm da aplicação de teste-piloto em formato de Oficina, que validou o produto do ponto de vista da realidade expressa em dissertações já defendidas.

A conclusão traz comentários sobre a aplicabilidade e como e por quem o produto pode ser utilizado, sintetizando sua concretização como ferramenta auxiliadora no processo de construção e verificação de trabalho acadêmico.

Cabe destacar que, na análise de dissertações, as não-conformidades mais comumente detectadas estão relacionadas com grafia de palavras que fazem parte do léxico coloquial, também a aplicação de sinais gráficos de pontuação, notadamente vírgulas e, principalmente, problemas relacionados com a formatação de citações – diretas, indiretas e paráfrases – associadas à elaboração de quadros de referência, dentre outros mais ou menos frequentes.

Esta ferramenta – Lista de Verificação – é parte integrante deste trabalho, integralmente exposta como apêndice F.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Exigência de todo curso de mestrado e doutorado, e mais recentemente dos cursos de graduação, as monografias, dissertações e teses se constituem em obstáculo de difícil transposição para os estudantes que têm o dever de elaborá-las para a conclusão de seus cursos.

Não obstante as constantes inserções de obrigatoriedade de leituras e escritas diversas em todas as etapas de ensino, as dificuldades estão sempre presentes no caminho de quem precisa redigir, e estas dificuldades existem em diversos graus, desde os erros mais insignificantes de acentuação ou colocação de vírgula até, segundo as normas metodológicas vigentes, as mais evidentes e relevantes falhas de referência, troca de letras em palavras (z por s, s por c ou ç), paragrafações incertas ou incompletas, construções vazias e, até mesmo, forçado pelos prazos e cobranças, o estudante se vê em estado depressivo que lhe impossibilita a organização mental e o raciocínio, e não consegue dar prosseguimento ao trabalho.

São fatos comuns nos trabalhos acadêmicos, e aqui se podem incluir os outros tipos de trabalhos solicitados como avaliação em cursos de graduação, como resumos, resenhas, artigos e outros. Porém, mesmo havendo a constância destes deslizes, não se justifica suas existências, tampouco a interferência no desenvolvimento da redação da pesquisa, pois, didática e pedagogicamente, não se pode admitir, por parte dos docentes e avaliadores, em nome do ensino de qualidade, a elaboração de textos que se apresentem fora dos padrões de exatidão metodológica, redacional e gramatical, caso contrário, estar-se-ia favorecendo a negligência produtiva textual.

Antes de qualquer análise referente à redação, suas formas e métodos, e no que concerne à formatação, necessário se faz entender o que é texto, no âmago da concepção literal do termo, e as suas versões técnico-científicas.

Considerando o termo em qualquer aspecto linguístico, pode-se afirmar, segundo Hollanda (1986) e outros dicionaristas, que “texto” é, em definição e conceituação por demais expandida e sem especificações restritas, o conjunto de palavras reunidas em um suporte – escrita ou falada, por sinais gráficos ou sons – com a finalidade de transmitir uma mensagem, manifestando ideias e pensamentos de um autor.

Nestes parâmetros analíticos, direcionando o termo ao uso de palavras, podem-se arrolar várias configurações que caracterizam o texto como sendo literário, jornalístico, religioso, político, técnico, científico, dentre infindáveis categorias, cada uma delas atreladas, ou identificadas, conforme a situação do emissor e, por conseguinte, do receptor.

Especificamente, o texto técnico-científico apresenta os mais diversos recursos e formas para expressar resultados de investigações e, quando redigidos a contento, expõem conhecimentos e informações com finalidades acadêmicas.

Resumos, resenhas, ensaios, artigos, comunicações científicas, *papers*, informes científicos, relatórios de pesquisa, monografias, dissertações, teses e outras formas são exemplos de textos técnico-científicos construídos a partir de um embasamento teórico e processados através de técnicas específicas e, finalmente, posto em formato metodologicamente adequado para sua divulgação.

Nesta esteira de fundamentações, podem-se considerar dois aspectos como sendo essenciais para propiciar ao texto a adequada compreensão, quais sejam, a redação propriamente dita – detalhes relacionados à linguística e ao uso do idioma – e a formatação – observação e cumprimento da normatização específica, no Brasil determinada pela ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas..

Sobre a implicação do uso do idioma e da adequação linguística, há de se considerar, inicialmente, o dito de Blikstein (1985, p.23),

O conhecimento da gramática é apenas um dos meios para chegarmos a uma comunicação correta, mas não é um fim em si mesmo. Ao escrever, não devemos ficar obcecados em demonstrar erudição e cultura gramatical. Se quisermos escrever bem, isto é, de modo eficaz, devemos dirigir a nossa preocupação para as três funções básicas [da comunicação], produzir resposta, tornar comum e persuadir.

De fato, o autor do excerto acima remete aos autores a base de um “bem escrever” ao arrolar os elementos essenciais da escrita eficiente, do texto que realmente cumpra o seu dever.

Assim é que para bem compor um texto, a análise do que se fez em termos de uso de palavras na composição de frases, períodos e parágrafos vem ao encontro das necessidades de transmitir uma mensagem.

Portanto, a abordagem da ferramenta objeto deste trabalho se divide em duas vertentes, quais sejam, os aspectos redacionais e os aspectos de normatização.

O primeiro, versando sobre o uso do idioma e da linguística, trata da composição textual enquanto usuária de palavras e suas combinações.

Destarte, há de se seguir, na composição de textos de qualquer natureza – exceto os informais – os padrões de correção e adequação. Para tanto, necessário se faz conhecer os níveis da linguagem – no Brasil, os da Língua Nacional, adaptada da Língua Portuguesa – quais sejam: nível chulo, nível coloquial, nível padrão e nível culto.

O nível culto – tido, por autores consagrados e gramáticos, além da Academia Brasileira de Letras, como adequado para as composições literárias e técnico-científicas – dita as normas gramaticais e redacionais.

Neste contexto, Nicola e Infante (1989, p. 14) afirmam que o nível culto da Língua Portuguesa – disponível a quem tem acesso a escolas – é a versão oficial do Brasil no que concerne à composição de textos literários e técnico-científicos, dentre outros destinados ao público, porém o ensino deste nível esbarra nos problemas sociais brasileiros, dentre os quais a educação, pois há considerável diferença entre a língua falada diariamente e a norma culta.

Portanto, para compor um bom texto, sobretudo aquele voltado à área acadêmica, necessário se faz observar e cumprir normas gramaticais e redacionais, com o intuito de não cometer erros de grafia que, além de demonstrar minimização cultural, denegrir a habilidade do autor, dentre outras desvantagens, pode comprometer a compreensão e competência do texto.

As normas gramaticais – que orientam a boa grafia da Língua Portuguesa – estão disponíveis em um sem número de fontes – livros, apostilas, sítios, até mesmo dicionários – além de serem ministradas, independentemente da metodologia e da pedagogia utilizadas, desde os primeiros momentos da vida estudantil de qualquer indivíduo.

Para o produto objeto deste trabalho, há de se considerar erro de grafia – ou grafia inadequada – toda não-conformidade gráfica de palavras, sejam em

Língua Portuguesa ou em idioma estrangeiro, que houver no texto analisado. Neste ponto, considera-se, também, a analogia vocabular (por exemplo, o uso adequado do por que, porque, por quê, porquê, dentre outras) e a aplicação de sinais diacríticos e uso da pontuação.

Igualmente, em se tratando de redação, a estilística da linguagem é de fundamental importância, pondo em destaque a exatidão do texto quanto a sua:

- clareza: compreensibilidade do texto;
- precisão: dizer, por escrito, exatamente aquilo que se pretende através das palavras adequadas;
- coesão: uso de conectivos – preposições e conjunções que propiciem o adequado encadeamento do texto;
- coerência: construção adequada do texto de forma que não haja contradições ou incoerências na exposição das ideias e conclusões;
- paragrafação: apenas uma ideia ou argumento em cada parágrafo, atentando para a coerência, além de considerar o bom senso no tamanho do parágrafo e a sequência lógica do texto;
- linguagem acadêmica: uso de terceira pessoa pronominal;
- ambiguidade: utilização de palavras e construções que não ofereçam oportunidade para outra interpretação ou entendimento que não seja aquela a que se propôs o autor.

Medeiros (2000, p.204) afirma que

a obediência à gramática impõe-se por dois motivos:

- as convenções gramaticais representam o resultado da experiência coletiva em expressão linguística: quem segue essa experiência corre menos risco de incompreensão;
- a correção gramatical facilita a exposição das ideias e a aceitação daquilo que se expõe. O uso da língua com objetivo prático deve ater-se à norma.

De fato, segundo o autor do excerto acima e de todos os gramáticos da Língua Portuguesa, há de se ter amplo domínio do idioma para se fazer entender literária, técnica e cientificamente, pois a norma culta existe, é difundida e ensinada e, portanto, pode ser exigida, independentemente da área de formação e atuação dos autores e orientadores de trabalhos acadêmicos.

Estes elementos são os alicerces de um trabalho acadêmico, e devem ser tratados com especial atenção. Contudo, outros fatores, igualmente importantes, devem ser considerados, dentre os quais, a questão da formatação, que permitirá a qualidade, não apenas de informações, mas de condições para a difusão das ideias, do conteúdo e da contribuição técnico-científica que toda monografia, dissertação ou tese deve oferecer à comunidade acadêmica.

A normalização de trabalhos acadêmicos e científicos, no Brasil, é determinada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que estabelece os parâmetros de configuração que contemplem integralmente todo o trabalho e tudo o que nele está contido.

No Brasil, desde 1955, a estratégia de formatação e a normalização dos trabalhos técnico-científicos é de responsabilidade da ABNT, que segue as diretrizes da International Organization for Standardization (ISO) que, por sua vez, impõe normas de padronização com vistas à qualidade.

Destarte, todo processo de produção acadêmica deve seguir as normas e estar uniformizada com o rigor dos rituais sistemáticos que visam a disciplinar o comportamento da comunidade técnico-científica no seu processo de criação e comunicação de trabalhos, porém, há de se considerar que a qualidade do conteúdo de um texto não substitui nem é mais importante que a sua apresentação visual e de formatação.

No entanto, algumas considerações são relevantes neste contexto. Nem sempre a formatação tecnicamente correta permite que o conteúdo seja amplamente exposto como deveria, ou como desejariam o autor e seu orientador, uma vez que, conforme Rodrigues *et al.*, o conteúdo é influenciado pela normalização quando da avaliação do trabalho por equipe – banca examinadora – ou técnicos da área.

Assim, quatro situações, concomitantes, são analisadas: a comunicação científica, a avaliação da qualidade científica, a influência da normalização e o papel da universidade na formação dos pesquisadores.

Segundo a autora, a análise de um trabalho acadêmico deve acontecer sob dois aspectos de igual importância na realidade da construção de textos: a qualidade política, ou seja, o teor técnico-científico, e a forma pela qual o trabalho é exposto, ou seja, a formatação, ou diagramação, não apenas no que

se refere a fontes e espaçamentos, mas toda a estruturação informativa ou visual do texto.

Assim, a forma do trabalho deve atender a ritos acadêmicos, cujos critérios são objetivos – referem-se à qualidade.

Os ritos acadêmicos retrocitados são especificados pelas Normas Brasileiras Regulamentares (NBR's) da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que trata da formatação de cada um dos itens componentes de um trabalho acadêmico.

Os itens seguintes estão normatizados pela NBR 14724, de agosto de 2002:

- margens: A norma é bastante clara e específica ao estabelecer que as margens superior e esquerda tenham 3 cm e as margens inferior e direita tenham 2 cm. Estas medidas são exigidas em todos os itens – páginas pré-textuais, textuais e pós-textuais, incluindo-se a capa, determinando-se que na folha de rosto e na folha de aprovação as informações sejam alinhadas no meio da área útil, considerando-se as medidas horizontais e verticais;
- fonte: tamanho 12 para o texto principal e menor – 10 – para citações longas, legendas, notas de rodapé e tabelas. A NBR não especifica o tipo de fonte, propiciando ao autor do trabalho acadêmico o bom senso de utilizar a fonte Arial ou Times New Roman, que são comuns em todas as versões do sistema operacional Windows da Microsoft. A mesma fonte deve ser utilizada em todo o trabalho;
- espaçamento: termo utilizado pela NBR 14724 para tratar do espaço entre as linhas do texto. Esta norma impõe o uso de espaço simples para a composição do resumo, notas, referências, legendas, ficha catalográfica e demais informações burocráticas; para o texto – introdução, desenvolvimento e conclusão – exige-se o espaço 1,5;
- notas de rodapé: obedecem às margens pré-determinadas, são numeradas sequencialmente ao longo do trabalho, devem ser concisas, escritas com fonte tamanho 10 e iniciar e terminar na mesma página em que foram indicadas no corpo do texto;

- paginação: exceto a capa, todas as páginas são contadas, a partir da folha de rosto, porém a numeração aparece, no canto superior direito, somente a partir da primeira página da introdução;
- introdução: expõe, delineando, o tema pesquisado, a justificativa e objetivos, a metodologia aplicada na busca de subsídios, além de, sucintamente, descrever a estrutura do trabalho;
- desenvolvimento: é o corpo do trabalho propriamente dito. Contém o referencial teórico, a minuciosa descrição da metodologia aplicada no desenvolvimento do texto, a argumentação e os resultados obtidos. É dividido em seções e subseções – títulos e subtítulos – cuja organização está determinada pela NBR 6024;
- conclusão: deve-se destacar os resultados obtidos ao longo da pesquisa, enfatizando-se a conclusão a que chegou o autor. Pode-se, também, neste item, se for o caso, oferecer possibilidades de continuação do estudo;
- ilustrações: neste tópico, a NBR 14724 normatiza a utilização de quadros (fechado, com bordas laterais), tabelas (aberta, sem bordas laterais), gráficos, figuras, mapas, ilustrações em geral, equações e fórmulas. Com exceção destas duas últimas, todas as ilustrações devem conter, na sua parte inferior, a identificação e a origem. Em todos os casos, a fonte deve ser tamanho 10;
- anexo: elemento de autoria de outrem que serve para ilustrar ou complementar a argumentação. Aparece após o quadro de referências e é identificado por folha de rosto específica (não contada e, portanto, sem numeração). O anexo, em toda sua composição, é numerado sequencialmente ao conjunto do trabalho;
- apêndice: elemento de autoria do autor do trabalho, tem a mesma função e configuração do anexo e, como tal, segue sua formatação;

O Sumário, último elemento pré-textual, é mencionado na NBR 14724, mas a NBR 6027, de maio de 2003, dá suas especificações de formatação, determinando que os itens devem aparecer alinhados à margem esquerda e a numeração de páginas correspondentes à direita, nos limites de margens pré-estabelecidos, e entre ambos deve haver linha pontilhada. O título – Sumário – é centralizado, em negrito e com todas as letras em maiúsculo. As páginas pré-textuais não aparecem no sumário.

As citações têm sua formatação determinada pela NBR 10520, de 2002, e se constituem em recurso largamente utilizado na redação de textos técnico-científicos, sobretudo no referencial teórico, justamente por dar consistência à pesquisa e corroborar ideias. Além de prestar colaboração ao engrandecimento do texto, dá credibilidade ao seu autor, e garante, pela legislação vigente – aquela que protege autores (Lei nº 9.610, de 1998) – contra o uso indevido de composições, o real crédito a quem de direito o merece.

A citação pode ser:

- direta: transcrição *ipsi literis* de parte de um texto, quando, então se deve, além de mencionar autor e ano (no corpo do texto ou entre parênteses) e imprensa (no quadro de referências) formatá-la adequadamente, ou seja, se for curta – menos de três linhas – deve aparecer entre aspas no corpo do texto e, se for longa – mais de três linhas – em parágrafo próprio, com recuo esquerdo de quatro centímetros a partir da margem e em fonte tamanho 10 e espaçamento simples;
- indireta: o autor do trabalho acadêmico utiliza as próprias palavras para transcrever trecho ou parte de um texto de outro autor, porém exige a menção da autoria. Neste caso, segue a formatação normal do texto;
- citação de citação: é a menção de um texto inserido em um documento consultado, devendo se evitar esta prática, já que o texto original não foi estudado e pode haver erro de interpretação. No entanto, a NBR especifica oferece recursos de formatação deste item, devendo-se indicar o nome do autor e o ano da obra original seguidos dos elementos indicativos do texto consultado;

A NBR 15520 ainda dá diretrizes para formatação de comentários, supressões, destaque e correções de citações.

A composição da lista de referências está normatizada pela NBR 6023, de 2002, que estabelece a formatação dos documentos consultados e citados na composição do trabalho acadêmico.

Uma lista de referência, segundo a NBR retrocitada, deve conter, nesta ordem, o nome do autor, ou autores, título da obra (em negrito), subtítulo, se houver, número da edição, local, nome da editora e data da publicação.

O elemento de entrada na lista de referências, geralmente nome do autor, ou autores, é escrito com todas as letras em maiúsculo. No caso de

nome de pessoas, o último sobrenome é o elemento de entrada, seguido de vírgula e as iniciais dos outros nomes, podendo estes aparecer por extenso.

A composição desta lista deve ser em rigorosa ordem alfabética dos elementos de entrada, alinhados somente à esquerda, em espaçamento simples, e com espaço duplo entre uma e outra referência.

A NBR 6028, de novembro de 2003, estabelece os parâmetros de formatação para o resumo e o define como sendo item imprescindível em trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações e teses, devendo ser composto em parágrafo único, com espaçamento simples, em, no máximo, quinhentas palavras dispostas em frases curtas e objetivas que sejam representativas do conteúdo do trabalho acadêmico, oferecendo rápida e clara visualização do estudo desenvolvido, seus objetivos, metodologia e resultados. Devem-se utilizar os verbos na voz ativa e em terceira pessoa do singular (linguagem acadêmica).

Os descritores – palavras-chave – devem aparecer imediatamente após o resumo e, entre três e cinco palavras ou expressões curtas, separadas entre si por ponto, devem ser representativas do conteúdo do estudo.

A formatação de indicativos de seção e subseção – títulos e subtítulos – é estabelecida pela NBR 6024, de maio de 2003, que impõe o uso de sistema numérico para a sequência das divisões do trabalho acadêmico, informando, ainda, que os títulos principais devem ser centralizados, em negrito e com todas as letras maiúsculas, seguindo-se, então, o sistema numérico progressivo pontuado para as subdivisões.

Até este ponto, visualizaram-se dois aspectos da elaboração de trabalhos acadêmicos. Porém, outros há cuja necessidade de abordagem se faz notória.

Assim é que A Bússola do Escrever, organizado por Bianchetti e Machado (2002), traz dezenove artigos de docentes que passaram por dificuldades marcantes no momento em que se depararam com a realidade de orientar alunos de mestrado, doutorado ou graduação, e relatam eventos altamente significativos no sentido de prestar relevante depoimento sobre as vicissitudes por que passam os estudantes.

Assim, considerando as experiências expostas por estes autores, pode-se elencar e analisar alguns fatores consideráveis que tornam o ato de redigir

em uma atividade por demais difícil e, muitas vezes, aparentemente impossível e pode levar o estudante ao abandono do curso.

“A Bússola do Escrever” apresenta em cada um dos seus dezenove artigos situações diversificadas, cada uma delas enfocando um aspecto determinante para o agravamento das dificuldades na elaboração de trabalhos acadêmicos, vicissitudes estas analisadas separadamente, com exceção do texto “*Argentina: r acceso a los posgrados como requênc regulamentaria*”, de Roberto Agustin Follari, que se atém a problemas específicos de seu país, e por isto, a princípio, se distancia da problemática brasileira. Porém, há, em seu conteúdo, informações semelhantes às aquelas observadas em ambiente acadêmicos do Brasil e, portanto, já inseridas em contextos de outros dezoito textos da obra em lide, razão pela qual se excluiu este documento da presente análise.

Destarte, tomando-se por base o contido em “A Bússola do Escrever”, considera-se como elemento primordial a questão da busca de subsídios para a formação do referencial teórico da pesquisa, cuja abordagem de Mazzotti dá noções exatas da sua importância no contexto da elaboração do trabalho acadêmico.

A revisão da literatura e as consequências das suas inexatidões em dissertações e teses é o objeto de análise deste trabalho que, após dez anos de sua primeira publicação, é reeditado sem alterações – apenas atualizações – justamente pelo fato de que os problemas verificados à época da sua elaboração continuam os mesmos.

Segundo Mazzotti (2002 p.25-44), a revisão é importante para a adequação de trabalhos de pesquisa, notadamente de mestrados e doutorados, porém se apresenta como deficitário e fraco em, aproximadamente, setenta por cento das dissertações e teses, que deixam visualizar um referencial regular, fraco, sofrível, o que se faz notar em grande número de trabalhos de conclusão de cursos de pós-graduação na PUC-RS, pois são baseados em literatura defasada.

A má revisão compromete sobremaneira o desenvolvimento do trabalho, suas consequências e finalidades, já que a contextualização do problema e a análise do referencial teórico são prejudicadas.

Discutindo dois aspectos principais da revisão de literatura, a autora aponta dificuldades e sugere procedimentos, afirmando que a revisão está a serviço do problema e que não há modelos, apenas orientação, por onde se devem evitar os erros apresentados no final deste artigo em forma de “caricaturas”.

Mazzotti aborda dois tipos de revisão: a) para se obter informações; e b) para subsidiar o trabalho. Estreita ligação entre ambas, já que quanto melhor for a primeira, melhor será a segunda.

A produção de conhecimento é processo contínuo que complementa ou contesta estudos anteriores. O problema exige que o pesquisador se insira no processo, passe a vivenciá-lo através de abordagens metodológicas e análises de resultados anteriores na busca de pontos convergentes e divergentes, o que melhor lhe define objetivos e conclusões, além de auxiliar na seleção das teorias, métodos e instrumentos. A revisão deve preceder a elaboração do projeto, ao contrário de muitas informações e orientações.

Assim, o trabalho fica mais fácil quando há fartura de material, mas, dependendo da área, é necessário “garimpar”. Muito material pode ser encontrado em dissertações e teses, porém, não é suficiente para a formulação de uma base teórica satisfatória e que realmente cumpra o seu papel na elaboração do trabalho. Deve-se, então, buscar bibliografia recente no início da revisão, e depois aprofundar a investigação por outras fontes. Se não houver bibliografia, podem-se utilizar artigos e suas referências.

Também, outras fontes – resumos, *abstracts*, sistemas de informações, sítios eletrônicos etc – são de grande valia na tarefa da pesquisa, porém deve-se calcar o referencial em fontes primárias – as originais – e não em citações de terceiros.

Em se tratando de educação, a comparação entre pesquisas é prejudicada tanto pela fragmentação quanto pelo excesso de teorias e metodologias utilizadas. Deve-se, então, avaliar previamente os instrumentos teóricos e metodológicos de cada estudo, visando à busca de subsídios mais específicos e direcionados para o tema, o que facilita a seleção de material de referência e sua análise.

A leitura de teses ou dissertações não significa que o pesquisador deva adotá-los como modelo ou referencial, mas sim para capacitá-lo a buscar outros elementos relevantes.

Não é aconselhável apresentar vários autores para sustentar um mesmo ponto, apenas o que merece destaque.

A familiaridade com o estado do conhecimento induz à capacidade de problematizar o tema e a estreita ligação com a literatura permite a seleção adequada do referencial, pois, ao trabalhar com assunto de seu interesse, o autor se sente mais motivado e pode haver fluidez mais espontânea.

A importância, e a consequente exigência, do referencial teórico é gerador de profundas angústias para o elaborador de dissertações e teses e, por isso, merece consideração compatível. Com a ausência de consenso do conceito de teoria, as definições variam desde aquelas que se baseiam em ciências naturais até aquelas que abordam níveis de interpretação.

Em uma hierarquização dos níveis conceituais, pode-se partir da teoria axiomática incluindo-se construções mais simples.

Assim, admitem-se, no campo teórico, vários caminhos que transcendem a descrição. A teorização de um estudo varia conforme o conhecimento amealhado sobre o problema e a capacidade do pesquisador em digerir as informações.

É um esforço essencial, já que o referencial esclarece e embasa a pesquisa, orienta a definição e dá suporte à confirmação das hipóteses. Já a pobreza de interpretação é, geralmente, resultado de embasamento deficiente ou fraco.

Sem campo definido e desprovido de teorias próprias, a pesquisa educacional recorre a outras ciências. Estas adaptações de teorias resultam em abordagens heurísticas em detrimento da filosofia educacional, porém, se houver a interdisciplinaridade, o resultado pode ser altamente satisfatório, desde que não haja redução do âmbito e da complexidade relativa ao foco da pesquisa.

Havendo mais de uma vertente teórica, há de se considerar a necessidade de interpretar e filtrar resultados.

Autores ligados à vertente qualitativa defendem proposta de que a teoria deve surgir da análise dos dados, pois um quadro teórico focaliza a visão do pesquisador, fazendo-o selecionar as informações conforme o contexto.

A construção teórica não é tarefa fácil, pois exige vasto conhecimento e raciocínio formal.

Conforme Mazzotti (2002 p.25-44), não há consenso entre os pesquisadores no que tange à apresentação do quadro teórico de um trabalho. Alguns pesquisadores preferem diluí-lo ao longo da análise, enquanto outros optam por um capítulo específico. Qualquer que seja a forma de apresentação, o quadro teórico deve servir à interpretação e ao embasamento sólido da pesquisa.

No contexto do artigo, Mazzotti (2002 p.25-44) elenca treze erros – *summa*, arqueológico, *patchwork*, suspense, rococó, caderno B, coquetel teórico, apêndice inútil, monástico, cronista social, colonizado versus xenófobo, *off the records* e ventríloquo – que devem ser conhecidos pelos pesquisadores através de seus orientadores e evitados, pois são infrações que empobrecem o trabalho e prejudicam o desenvolvimento da pesquisa.

A revisão da literatura é aspecto essencial para a construção da pesquisa e para a construção do conhecimento. Portanto, é necessário um esforço de atualizações e integração dos conhecimentos.

A autora lamenta que a grande maioria das dissertações e teses, após a conclusão dos cursos de mestrado e doutorado, é esquecida nas bibliotecas das universidades onde foram elaboradas, apresentadas e defendidas.

Consideremos, pois, que o texto de Mazzotti foi redigido em 1992 e reeditado dez anos depois. Hoje, porém, a situação é outra: a Capes obriga que os programas de pós-graduação divulguem em suas páginas virtuais as dissertações e teses defendidas, o que possibilita amplitude de acesso e veiculação dos trabalhos acadêmicos, diferindo, e muito, da prática de alguns anos passados.

O que falta é o hábito de orientadores relatarem mais amiúde as experiências e resultados que esta prática propicia, já que as limitações são poucas e a abrangência, graças ao avanço tecnológico, é quase infinita.

Os investimentos no ensino à distância, universidades virtuais, bibliotecas cibernéticas e sítios de busca, dentre outros, ganham espaços cada vez maior e se tornam comuns.

Então, é preciso estar atento às inovações e incorporá-las no cotidiano das relações orientador-orientando.

Muito embora a abordagem geral deste artigo seja sobre dificuldades de escrever, há acadêmicos que o fazem bem e com facilidade, notadamente por terem tido embasamento diferenciado e foram incentivados à leitura e à prática da composição de texto desde os seus momentos iniciais como estudante.

O mundo mudou muito nos últimos cem anos. Do lampião a gás à eletrônica; do correio a cavalo ao e-mail, o avanço acarretou mudanças radicais nos humanos. Agora, quando se pensa que o telefone desbancou em definitivo o ato de escrever cartas, o correio eletrônico dá nova versão à comunicação escrita.

Tal como Chassot, Castro (2002, p.109-134), em seu artigo sobre as dificuldades e problemas na elaboração de textos acadêmicos, aborda questões vivenciadas há um quarto de século, lembrando que nos cursos de pós-graduação em Ciências Sociais, há considerável número de ingressantes, porém poucos conseguem concluir o mestrado e, o que é pior, dos que o concluem, sofrível é a qualidade de suas dissertações. Especificamente na área da educação, os resultados seriam melhor aplicáveis em outras áreas.

A inexperiência dos mestrandos e a requência do tempo exigem do orientador uma atitude direta e óbvia, ou seja, as atitudes professorais que norteiam o desempenho do aluno e o desenvolvimento do trabalho.

Segundo Castro (2002, p.109-134), antes da definição do tipo de pesquisa e da metodologia a ser adotada, há a incômoda, discutível e difícil questão da escolha do tema, que é o elemento crucial e fundamental para o desenvolvimento do trabalho. Tais adjetivações são arrazoadas em face da circunstância que envolve o pós-graduando, pois fundamental é a análise do assunto, que deve ser importante, viável e original, além, logicamente, da exequibilidade, acessibilidade, pertinência e simpatia ao pesquisador, o que torna o tema realizável com mais vigor. Deve-se considerar, também, e principalmente, a questão de caráter recente e atual da gama de informações a serem amealhadas.

Todo este conjunto de fatos e questões requer a análise minuciosa do orientador, que tem, a partir deste ponto, tarefas igualmente árduas que tratam da ambição excessiva, que se configura como sendo a tese um marco divisor da história da ciência; a história da humanidade como tema ao invés de ser apenas a localização de tempo e espaço na pesquisa, com parcimônia, já que não é o tópico principal; má distribuição e aproveitamento do tempo em razão do excesso de informações e fragilidade analítica, geralmente quebrando uma sequência lógica da pesquisa para o que se chama de sequência natural, ou seja, a ampliação das fases finais da elaboração da dissertação, geralmente por decurso de prazos.

Notadamente, a análise dos dados é a fase mais prejudicada; o consumo e uso do idioma pátrio requerem prática e conhecimentos mais extensos no desenrolar de uma dissertação, o que geralmente não acontece, e os erros se sucedem ao longo do trabalho, dando ao orientador a incumbência descabida de dirigir o estilo, a forma, o léxico e a clareza redacional, pois a compreensibilidade do texto está comprometida e ao professor cabe apontar esta falha.

Igualmente, o tom do discurso também é de fundamental importância e requer do orientador corrigir a rota do trabalho, que deve ser científico e, como tal, adotar a linguagem específica e adequada; a insegurança e instabilidade emocional dos orientados são fatos e fatores a serem administrados pelo orientador, que precisa ter em mente que seus discípulos são humanos e sofrem pressão de todos os lados, inclusive fatores individuais, particulares e de caráter intrínseco; como o orientando, o orientador também é humano e tem o direito, e até o dever, em alguns casos, de enfatizar cobranças e intensificar o rigor em atitudes e comentários, o que acontece com diversidade de ações, conforme a índole ou necessidade, variando, também, por questão de tempo disponível e nível de paciência e compreensão das condições físicas, mentais e psicológicas dos orientados.

De fato, a orientação se constitui em fator relevante e fundamental no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e é o ponto de análise de Demerval Saviani (2002, p.135-163), cujo texto, dividido em cinco partes, aborda a questão dos programas de pós-graduação em educação e estabelece, a

princípio, a diferença entre *strictu sensu* e *lato sensu*, cuja distinção, no Brasil, tornou-se notória.

O primeiro, em alguns casos, ofertados como forma de extensão, são cursos de aperfeiçoamento e especialização, enquanto o outro se organiza em forma de mestrado e doutorado. Enquanto o primeiro atua como forma de aprimoramento do ensino, o segundo tem como caráter marcante a pesquisa na busca de se atingir os objetivos da formação pretendida. Por estas razões é que se denominam “programas” ao invés de “cursos” para o *strictu sensu* enquanto ao *lato* se nomina apenas “curso”, ou seja, está ligado diretamente ao ensino. Tal diferenciação, incorporada à história da pós-graduação no Brasil, é consolidada pela LDB da educação – Lei nº 9394, de dezembro de 1996.

Conforme Saviani (2002, p.135-163), neste ponto, há de se destacar que as atividades universitárias no Brasil remontam ao período da proclamação da independência, com a criação de duas universidades – de São Paulo e de Olinda, PE – que deram início ao sistema educacional de nível superior e a uma trajetória evolutiva notável de desempenho e progresso.

A partir de 1931, sucedem-se estudos, programas de instalações de instituições, cursos, programas de graduação e pós-graduação, decretos, leis, normas e sistemas organizacionais que consolidam a expansão do setor educacional superior no Brasil.

Atualmente, os programas de pós-graduação no Brasil inspiram-se em modelos norte-americanos, onde prevalece a hierarquização do estudante, muito embora os modelos europeus exerçam influência marcante na estrutura aqui adotada.

Destarte, outro ponto crucial surge para análise, que é a figura do orientador, já que a formação do pesquisador é o objetivo das pós-graduações. O trabalho do orientador surgiu da necessidade da prática de atividades relativas ao processo.

Considera-se que as atividades do orientador são diferentes para o curso de mestrado e doutorado. No primeiro, a inexperiência do orientado, em termos de pesquisa e aprofundamento nos estudos, e até mesmo no que concerne à prática redacional, é notória e exige do orientador maior empenho, intensificando-se as discussões, estímulos e esforços para romper certos bloqueios; já no doutorado, o trabalho de pesquisa tende a fluir de forma mais

natural, com o orientador dando o suporte intelectual e direcionando o trabalho ao seu objetivo.

Saviani (2002, p.135-163) expõe um do quadro oscilante quanto às perspectivas, estruturas e funcionamentos, os cursos de Mestrado e Doutorado, no Brasil, que estão em pleno desenvolvimento, com satisfatório desempenho e ascensão.

Este desempenho crescente em quantidade tem, ao longo dos anos, interferido na qualidade dos cursos ofertados? Esta questão é amplamente analisada por Lucídio Bianchetti, iniciando pela menção de que a Capes e o CNPq, desde que foram implantados, impuseram sistemas e modelos de dissertações e teses que limitam a criatividade e tolhem o trabalho do orientador e do orientando, considerando mais importante a quantidade da produção em detrimento da sua qualidade.

Atualmente, o fator tempo, mais recente no processo de pós-graduação, influencia sobremaneira os trabalhos de pesquisa, resultados e redação, impondo a necessidade de maior dedicação e empenho de ambas as partes – orientador e orientado.

Assim, o processo de escrita se configura como um desafio a ser vencido quando se busca a titulação. A imposição de prazos é prática normal atualmente, pois disciplina a atuação do estudante, segue normas e regras, tem amparo estrutural dos programas e estabelece metas. Logo, ganha relevo no planejamento da pesquisa e se configura como ameaça constante ao pós-graduando, pois este corre o risco de perder seu custo e comprometer a reputação do seu orientador.

Afirma Saviani (2002, p.135-163) que o processo de escrita de dissertações e teses evoluiu. Se na primeira metade da década de 90 do século passado eram apenas relatos de experiências e memórias, hoje é resultado de pesquisa e busca de informações, constatações, incrementando sobremaneira o trabalho do orientador, que passou a ser relevante na busca pela qualidade do produto e tornando mais árdua a atividade do orientado.

Novamente, emerge o fator tempo, cujos prazos, geralmente exíguos, dada a complexidade do processo de elaboração de dissertações e teses. Este é um aspecto que traduz, ou não, a eficiência, competência e empenho do orientador e do orientado, considerando-se que sempre esteve presente nas

discussões e nas avaliações e convalidações. Intensificam-se o empenho, as cobranças, as reuniões. Tudo leva o orientador a exigir e direcionar, e o orientando a trabalhar a pesquisa e a escrever.

Neste ponto, apesar do tempo e prazos, há de se considerar como relevante as qualidades de uma dissertação ou tese. Então, a viabilidade da pesquisa e a sua tangibilidade não podem ser preteridas e o orientado deve se enquadrar e enquadrar o seu trabalho nas exigências que virão a validá-lo como produto final de seu curso de pós-graduação.

Percebe-se que a questão “tempo” se configura como algoz da dupla orientador/orientando, porém estes devem encará-la como mensurador dos seus níveis de competência e qualidade das suas produções.

No entanto, o processo é engessado, porém os resultados surgem e, amiúde, a qualidade vem crescendo em função da exigência mais rigorosa do orientador.

O ato, ou trabalho, de escrever dissertações e teses com qualidade e cumprimento de prazos é atividade que exige atenção, dedicação, empenho e intensa atuação, tanto do orientado como do orientador.

Todo este contexto se revela, paradoxalmente, ameaçador tanto ao orientado como ao orientador, e gratificante, a ambos, quando o trabalho acadêmico é concluído e a sua qualidade é relevante. Isto é possível, ou dificultoso, graças a algo que se definiu por nominar “paradigmas”, que está sempre em coadunância com o seu tempo e com a contemporaneidade de seus adeptos – ou usuários, ou seguidores – que, via de regra, estão a questioná-los.

Assim é que Moraes (2002, p.187-214) considera que o termo “paradigma” e suas aplicações estão por demais em moda, e há um tempo considerável, haja vista a constante necessidade de mudanças e a busca constante de novas experiências, além, logicamente, o desgaste dos modelos vigentes.

A autora lembra que Rabinbach (1994) afirma que os intelectuais da academia decretam a crise ao perderem a solidez das suas referências teóricas e mudam de perspectivas; também, Thomas Kuhn discute o tema notadamente contra a afirmativa de que as bases são seguras e inquestionáveis.

A evolução da ciência é distinguida pela constante mudança dos paradigmas e pelo crescimento dos desafios, donde se pode concluir que se há avanço na ciência, os paradigmas são questionáveis.

Estes elementos e fatores acima descritos e amplamente analisados são fundamentais, porém, Freitas(2002, p.215-226) aciona outro instrumento de reflexão sobre teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso que, segundo ela, uma pergunta inicial – que ainda não é o problema metodologicamente tratado – fará grande diferença no desempenho do estudante/pesquisador: Por que se faz uma tese? Obviamente, por exigência do processo avaliativo do curso escolhido. Se a intenção é obter uma titulação e as prerrogativas dela oriundas, não há como não elaborar a tese. No entanto, o título é visto, muitas vezes, como mero propulsor em uma carreira profissional. Então, se for apenas esta a finalidade, perdem-se os objetivos e o risco de uma desistência torna-se mais eminente.

Evidentemente, uma tese é determinada pela natureza do trabalho acadêmico e da linha diretiva do curso, além das tendências, aptidões e área de atuação do pretendo doutor, ou mestre, se o curso for de mestrado, e se presta a diversas finalidades, inclusive a burocrática.

Há, entre todos os elaboradores de teses, as mesmas circunstâncias, independentemente da natureza do trabalho, da instituição ou do orientador. Todos passam pelos mesmos dilemas e dificuldades, alguns mais intensamente que outros, mas existem os problemas que, vez por outra, se transformam em vicissitudes intransponíveis.

São situações que o elaborador da tese julga ser o primeiro e o único a experimentar. Isto é resultado da insegurança, da incerteza e do desconhecimento da própria capacidade de produzir a tese. Então, durante e após a requência às aulas para o cumprimento dos créditos, há um apego aos colegas de curso que, igualmente, vivem o mesmo drama. Depois, a solidão no confinamento da pesquisa e escrita, onde apenas o orientador aparece, ora como algoz, ora como protetor, num paradoxo próprio da sua função.

Todos os elaboradores de tese têm talentos, porém nem todos os talentos são distribuídos por igual, associando-se aos predicados individuais que põem em xeque o elaborador do trabalho por julgamento próprio, ou por

estímulos à continuidade da pesquisa, ou por censura, ou por qualquer que seja a tempestade intrínseca do doutorando, problemas resultantes da personificação do trabalho e da sua invasão, direta e indiretamente, por completo, na totalidade da vida do estudante a partir do momento em que se decidiu elaborá-la até o momento em que é depositada – concluída, obviamente – em uma estante de biblioteca. De fato, o trabalho toma todo o tempo e o espaço – físico e mental – do seu elaborador, e passa a fazer parte não apenas do dia-a-dia, mas de todos os momentos e intimidades de quem dela se ocupa e que fatalmente lhe modifica o *modus vivendi*, o estado de espírito e a maneira de agir.

São implicações naturais que a elaboração da tese impõe. Necessário se faz a tomada de consciência plena a total da situação inusitada, tomando precauções para que o trabalho se realize a contento e superando as fases críticas – citadas como três pela autora – que se apresentam ao longo do trajeto de desenvolvimento, notadamente sobre as indagações sobre o andamento da pesquisa e da escrita, sobre as possibilidades de breves e esporádicos afastamentos do trabalho para um arejamento mental e, também, a sensação permanente de uma pendência, de dívida, de compromisso não cumprido, o que causa a impressão de culpa e perseguição.

Toda tese tem a sua história, as particularidades e peculiaridades. Algumas são de difícil elaboração, outras de maior fluidez, outras ainda resultantes de longos e cansativos processos de retrabalhos, e assim sucessivamente notável a cada trabalho do qual se indague, o que significa que é necessário aprender a valorizar as conquistas e os apoios e, de fato, é imprescindível viver a tese enquanto ela se constrói.

Conforme o acima dito (toda tese tem sua história), novamente a figura do orientador surge como elemento essencial nos programas de pós-graduação, cujo tema é tratado por Marques(2002, p.227-234), evocando o I Plano Nacional de Pós-Graduação (1975) que definiu que a formação de professores melhor qualificados é essencial não apenas para um desenvolvimento satisfatório do ensino na graduação, mas também para a formação de pesquisadores.

Autores, como Pierre Lévy e Saviani (*passim*) destacam que o ensino superior e de pós-graduação não são mais estáveis e constituem, em seus

respectivos níveis, saberes de fluxo nos quais os alunos devem aprender a transitar, já que é uma abrangente linha articulada que depende de pesquisa, notadamente separada em níveis hierarquicamente escalonados.

Neste sentido, temos na dissertação – requisito do mestrado – um texto que discorre sobre o assunto, enquanto a tese – requisito do doutorado – confirma ou não algo de algo, ambas resultantes de pesquisa aprofundada, mais intensamente nesta que nessa.

Neste ponto, há de se destacar que pesquisa é a produção de um texto ricamente inter-relacionado com fatores e materiais produzidos por autores que buscaram fatos e deles, à luz da ciência, do conhecimento empírico e de estudos em uma comunidade, produziram conhecimentos que repassam em forma de publicações, enriquecendo a ciência e oferecendo subsídios para outros estudiosos e pesquisadores.

Em se tratando de pesquisador, necessário se faz destacar a importância da escrita. Claro é que os resultados – dissertações e teses – devem ser postas na formatação adequada (escritas), o que demanda algo mais além das leituras, sistematizações e formulação de conclusões – a escrita – que porá a estudiosos e pesquisadores novas possibilidades, além, logicamente, do registro do trabalho e a sua devida valoração e perpetuação.

Todo este contexto requer organização e métodos, onde a figura do orientador é imprescindível para um desenvolvimento satisfatório e que propicie a percepção dos resultados de forma adequada e que os objetivos sejam atingidos, e tamanha é a responsabilidade do orientador que este assume a autoria do texto, trazendo para si grande parte das consequências da pesquisa e do escrito, e põe no trabalho o seu nome, a sua formação, a sua história e a sua chancela.

Embora o pesquisador, mesmo se iniciante, tenha o seu método particular e próprio de produção, o orientador deve ditar o ritmo do andamento do trabalho visando ao cumprimento das metas intermediárias e, também, dos prazos pré-estabelecidos.

Estas são características básicas de uma boa pesquisa, que se configura pela associação de empenho e dedicação de pesquisador (orientando) e orientador (coautor do trabalho) a quem cabe grande responsabilidade.

Isto tudo se configura como administração de trabalho de pesquisa, que Warde (2002, p.235-254) aborda com propriedade na sua colaboração para com “A Bússola do Escrever”, onde afirma que a década de 70 do século passado é tida como referencial na virada de procedimentos e importância no desenvolvimento de pesquisas, pois os campos acadêmicos, àquela época, passaram a tomar outros rumos e a pesquisa passou a ser elemento divisório nos procedimentos educacionais, caracterizando um novo ciclo e determinando aumento considerável na quantidade de titulações auferidas.

A área da educação sempre foi mais crítica que as demais, pois há diferenciais relevantes por sua amplitude de temas e abordagens, perspectivas e projeções, principalmente porque é alvo constante de estudos que visam à melhoria e adaptações, sempre resultantes de diagnósticos e balanços avaliativos, sempre gerenciadas pelos avanços epistemológicos, que, de alguma forma, ditam as normas e rumos da educação.

Ortiz (1990), em estudo crítico sobre Sociologia, é menos otimista na análise dos pontos críticos do desenvolvimento e desempenho da educação, notadamente às influências e consequências que o regime governamental brasileiro pós-revolução de 1964 impôs à sociedade – e ao ensino, principalmente – o que refletiu sobremaneira na formação de pesquisadores.

Ortiz ainda estabelece contraposição entre gerações de sociólogos de 1940-1960 e os que surgiram em universidades a partir de 1970.

O Brasil, antes da revolução de 1964 não formava pesquisadores educacionais e não tinha consolidada uma base de investigação acadêmica. Tentativas de desenvolvimento nesta área, através de centros e institutos de pesquisas, na década de 70, fracassaram repetidas vezes, principalmente por falta de interesse governamental em investir e/ou fomentar este campo. No entanto, no correr dos anos 70 e início da década de 80, a pesquisa educacional produziu certa agitação nos meios acadêmicos nos cursos de pós-graduação, numa insistência ideológica que acabou por oferecer resultados, a médio prazo, bastante significativos.

A sociologia educacional não emite resposta positiva aos problemas educacionais. Esta afirmação é do pesquisador César Coll que, na década de 90, analisava as reformas a serem implantadas no sistema educacional brasileiro que seguiria os modelos norte-americanos e espanhóis. De fato, Coll

tinha razão, pois ainda não há conceituação definida sobre o tema, pois os reflexos expurgatórios da ditadura militar produziram efeitos que se alongaram através dos anos, que propiciaram estagnação cultural e, principalmente, intelectual, o que refletiu enormemente na educação brasileira.

A VI Conferência Brasileira de Educação, em 1991 foi marcante, pois apresentou sintomas da reorganização do sistema educacional, acenando com probabilidades de progresso, desenvolvimento e, sobretudo, de adequação atualizada dos processos de ensino, tendo-se discutido abertamente as dificuldades que até então se apresentavam e as probabilidades de solução, o que acarretaria, e que de fato se sucedeu – a longo prazo, em novos rumos para a prática, estudo e pesquisas sobre o tema. Nas reuniões que aconteceram após esta Conferência, ficou claro que nada mais havia para mascarar rupturas no processo educacional, o que evidenciava avanço; também o processo de desqualificação, tanto no âmbito governamental quanto no meio acadêmico, se configurava como ameaça ao desenvolvimento da educação. Sendo um fenômeno herdado do período “de chumbo”, no correr dos anos 90 houve a incrementação de procedimentos institucionais que reverteram a situação da pesquisa e, por conseguinte, do próprio processo de estudos, inovação, adaptações e desenvolvimento do sistema educacional, com a organização de universidades e de cursos de pós-graduação que passaram a agir com mais liberdade, objetividade e, principalmente, com vistas ao desenvolvimento e progresso não apenas de pesquisas, mas de formação de pesquisadores.

O andamento das pesquisas e a formação de pesquisadores, a partir das reformulações acontecidas nos anos 90, tomaram novos rumos, enaltecendo-se, destarte, a figura do orientador, que propicia, e exige, uma troca desenfreada de informações, conhecimentos aplicabilidades de sistemas e metodologias, incentivando a utilização de tecnologias cada vez mais avançadas, na tentativa de dar o andamento racional da pesquisa.

Então, uma questão aflora: o que predomina na mente do pós-graduando? A maioria dos estudantes de pós-graduação está voltada à conjuntura atual das suas áreas de estudos, talvez porque a literatura disponível remete a isto, propiciando uma subserviência e dependência teórica, talvez porque não haja força intelectual para exercer uma ruptura com os

ditames tradicionais. Em ambas as possibilidades, há um paradoxal retrocesso no processo de estudos e pesquisas na área da educação.

No entanto, não existe tempo hábil aos pós-graduandos para aprofundar estudos que consolidem estas rupturas, pois o tempo urge e os prazos se encurtam com rapidez incompreensível e definitiva. É necessário, portanto, adaptar-se e adequar a pesquisa àquilo que se pretende, que se objetiva e que se torna alvo do estudo. Mais uma vez, entra em cena o orientador, que vai balizar atitudes e procedimentos.

Em associação de ideias por demais relevante, Garcia e Alves (2002, p.255-296) expõem, corroborando inserções anteriores, experiências sobre a orientação coletiva.

No texto conjunto, fica claro que, para compreender o que existe em termos de teoria metodológica para pesquisa, é necessário saber que existe um modo de fazer e de criar conhecimentos, notadamente os empíricos.

Segundo Garcia e Alves (2002, p.255-296), o modo *fazerpensar* é uma associação de ações, pensamentos lembranças e criações, que absorvem informações teóricas referenciais. Engloba, para compreensão, a rede de conhecimentos já assimilados, a tecitura do conhecimento e a compreensão de que são inúmeras as dificuldades para identificar as origens dos conhecimentos humanos, pois eles circulam no tempo e no espaço, afirmativa confirmada por Bakhtin, que disse que quando alguém fala, alguém já falou antes, mesmo que o primeiro não tenha ouvido o segundo.

A desqualificação dos conhecimentos resultantes das ações cotidianas sequer é notada, o que resulta que tais conhecimentos se tornam invisíveis e nos proporcionam a ideia de que é difícil compreendê-los, já que a ciência moderna nos obriga a mergulhar profundamente em outras lógicas.

Em relação aos métodos, há muito mais dúvidas que certezas, já que se deve estar permanentemente na condição de aprendiz do que como instrutor.

Referindo-se a Bourdieu (1997), a humilde razão do cotidiano que se dá nos lugares ditos difíceis incorpora como *espaçotempo* de criação de conhecimentos válidos e vitais que, para os pesquisadores, deve-se sentir o mundo e não apenas olhá-lo.

Assim, ao contrário da informação aprendida e desenvolvida em muitas outras pesquisas no campo educacional, pode-se reafirmar que o *espaçotempo*

é de prazer, inteligência, imaginação, memória e solidariedade, devendo ser entendido como espaço-tempo de grande variação de conhecimentos até então desconhecidos.

Entender de forma diferente as atividades escolares exige do estudioso a capacidade de aprofundamento em uma realidade e a sensibilidade para captar sutilezas e ler o que não está escrito.

Para compreender uma realidade é necessário estar atento a tudo o que nela se passa, se acredita, se acredita, se repete e se cria, se inova ou se conserva. É por isto que as pesquisas em *espaçotempo* fazem parte de questões muito amplas e com envolvimento de sujeitos do cotidiano, o que vem a dificultar o andamento de estudos concernentes.

Trabalhar com estas imposições é muito difícil, pois fogem dos padrões que levam a interpretações do *ouvir o que o outro diz*. É preciso esforço para implantar a informação de outrem àquelas que se absorvem por outros referenciais para comporem o quadro de dados, o que se configura em um sentimento de mundo necessário para se ir além do que simplesmente se vê e evitar a crise de interpretação que se associa a Maturana e Varela na afirmação de que *não aceitamos o outro como o legítimo outro, já que não aceitamos as nossas fraquezas, limites e equívocos*.

A formação intelectual hodierna, pelo menos no ocidente, exige *ver para crer*, o que leva a grande dificuldade em se aceitar o múltiplo – sentidos, caminhos, aspectos, regras e fontes – do mundo da pesquisa e do conhecimento, o que caracteriza a antiga antítese do uno e do múltiplo, que acompanha a prática investigativa desde os tempos de Heráclito e Parmênides.

Isto significa a ampliação e a complexidade do que se considera fonte de conhecimento, que, a princípio, pode ser sintetizada em empírico e científico, demandando outros aprofundamentos de estudos e buscas pela dita verdade.

Por conta desta verdade, necessário se faz a criação de sistemas, sistemáticas, métodos e formas de capturá-la e entendê-la para poder transformá-la em conhecimento novo e útil. Porém, a multiplicidade de ações e repetições vem acompanhada de atos variados, produtos de mesmices iguais e insistentes que acabam por subsidiar trabalhos, muito embora o pesquisador deseje outra linguagem para a exposição de seus resultados.

Assim, é preciso reconhecer o estado em que se encontra a pesquisa e que se está diante de mais um problema: que é possível transmitir o que se aprende na medida em que se aprende como se transmite o que está acumulado no banco de informações.

No entanto, para tudo isto, é necessário discutir o sentido de que somos modernos através da visão de que a própria ciência contribui para a superação da necessidade de compreender a realidade.

A instituição universitária é o berço do saber e o centro irradiador do conhecimento, portanto a ela cabe a incumbência de propiciar não apenas a irradiação destes valores, mas também, e principalmente, a sua proliferação e, conseqüentemente o desenvolvimento técnico, científico e tecnológico. Então, é dever da universidade pôr tudo isto em prática, e muito mais, oferecer condições para o desenvolvimento da pesquisa, suas atividades sequenciais e correlatas.

Estas atribuições universitárias são, obrigatoriamente, regidas pela normalização que, como já observado, expressam e impõem as diretrizes de formatação dos trabalhos acadêmicos de qualquer nível.

Portanto, estreita é a ligação entre as quatro situações analisadas pelas autoras, pois a interdependência – produção científica, universidade, avaliação dos trabalhos e a normalização – formam o quadripé que alicerça o desenvolvimento de cursos de graduação e pós-graduação em todos os níveis, que produzem e difundem o conhecimento científico através de monografias, dissertações e teses.

Neste contexto, ao longo da história dos cursos superiores e de pós-graduação no Brasil, várias foram as tentativas de avaliação, direcionamentos, diretrizes, incentivos, parâmetros e paradigmas, num caminhar célere do desenvolvimento e desempenho crescente de instituições, programas e pessoas ligadas à universidade.

Considerada a interface destes pontos estratégicos da formulação da comunicação científica, há de se reconhecer que é natural a conciliação destes fatores. Não apenas o aspecto criativo da redação de trabalhos acadêmicos, mas toda a sua estrutura anterior e posterior à elaboração é de relevante importância, já que a finalidade precípua da ciência – e sua prática – é produzir

conhecimento, este deve, obrigatoriamente, ser difundido, discutido, analisado e estar suscetível a mudanças, já que não é estático nem definitivo.

Diante do exposto, podem-se articular questões sobre o que facilitaria o trabalho do escritor de trabalhos acadêmicos, bem como dos seus orientadores e, também, do responsável pela revisão de monografias, dissertações e teses. Dentre os fatores altamente influenciáveis na qualidade dos trabalhos, anteriormente descritos, alguns são relevantes, outros, também importantes, porém, podem não alterar significativamente o conteúdo.

No entanto, independentemente do grau de influência no trabalho ou nível de negatividade intelectual dos desacertos cometidos pelos autores, tudo o que se encontra entre a capa e a contracapa do texto deve ser passível de verificação em todos os seus aspectos.

Assim, “uma ferramenta técnica e metodologicamente elaborada e calibrada em função das questões redacionais e de formatação pode ser útil na busca da qualidade adequada dos trabalhos acadêmicos?”

Esta é a questão norteadora deste trabalho, problema cuja pesquisa foi balizada pelo livro “A Bússola do Escrever”, compêndios de Língua Portuguesa, as Normas Brasileiras Regulamentares da Associação Brasileira de Normas Técnicas e, também, que utiliza monografias, dissertações e teses já defendidas para sua confirmação.

3 METODOLOGIA

A lista de verificação objeto deste trabalho foi concebida através do método indutivo, considerando a produção de trabalhos acadêmicos já existente – dissertações – que se configuram como ponto de partida para a pesquisa em lide.

3.1 ETAPAS

3.1.1 – Revisão da literatura e identificação de trabalhos com foco no tema:

A qualidade formal dos trabalhos acadêmicos, e particularmente a questão da normalização, é um tema amplamente difundido na literatura nacional e internacional, principalmente em publicações com a forma de livros.

3.1.2 – Elaboração da lista preliminar de verificação:

A concepção do produto teve como foco duas áreas distintas que, no trabalho acadêmico, e mais especificamente na qualidade formal do trabalho, acabam sendo complementares: a redacional e a formatação.

A área redacional está focada, primeiramente, às questões de grafia dos vocábulos do idioma nacional.

Neste ponto, desconsiderou-se o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, vigente desde janeiro de 2009, em razão de que as dissertações analisadas foram redigidas antes da implantação da nova grafia da Língua Portuguesa.

Também analisa as condições de entendimento imediato – clareza, precisão, níveis de prolixidade, pontuação, concordâncias, coesão, coerência redacional, ausência (ou presença) de ambiguidade, tipos e níveis de linguagem, impessoalidade redacional.

Quanto à formatação, a verificação está direcionada à aplicação das normas vigentes inerentes à apresentação gráfica, que se caracteriza pela correta configuração de margens, fonte (tipo e tamanho), entrelinhamentos, estrutura do trabalho (sequência das partes que o compõem), elaboração de capa, folha de rosto, listas de ilustrações, figuras, tabelas, gráficos, sumário,

uso de citações (paráfrases, diretas, indiretas, curtas e longas), notas de rodapé, numeração de páginas, anexos e apêndices, construção dos quadros de bibliografia e referências, uso de aspas, parênteses, colchetes, grifos, itálicos e negritos.

A Lista de verificação, composta em forma de tabela, apresenta colunas referentes aos tópicos analisados (conforme o exposto no item anterior) e de níveis de avaliação, conforme a escala de Likert, composta por cinco elementos, variando entre 1 e 5. Esses extremos representam 0% e 100%, respectivamente, que dá os indicativos da eficiência com que o trabalho a ela submetido foi elaborado.

ESCALA	0%	25%	50%	75%	100%
AVALIAÇÃO	muito ruim	ruim	nem ruim nem bom	bom	muito bom

Foram consideradas as influências que o evento redacional e de formatação exercem sobre a qualidade do trabalho.

Na medida em que se pôs o trabalho analisado na tabela de verificação, pôde-se verificar sua qualidade em termos de redação e de cumprimento da normalização, de forma a apontar as imperfeições ou não-conformidades, bem como, sob outros critérios técnicos específicos, elaborar as adequações com vistas à exatidão do que se pretende.

Por fim, a Lista de Verificação indica, como resumo da análise, o nível composicional do trabalho a ela submetido, com níveis de satisfatoriedade que variam conforme os indicadores da escala acima.

Com esta base analítica, concebeu-se a Lista de Verificação, objeto desta pesquisa, constante do Apêndice F:

3.1.3 Primeira versão da lista de verificação:

A lista de verificação em lide foi testada em 31 dissertações defendidas no ano de 2008 nos programas de mestrado profissional em ensino de Ciências e Matemática que, após a aplicação do instrumento, ofereceu condições de selecionar os elementos que devem compor a lista de verificação final, uma vez que propiciou a identificação de não-conformidades redacionais

e desvios das normas padronizadoras, bem como os níveis de qualidade e adequação composicional.

3.1.4 A validação da lista de verificação:

Esta Lista de Verificação, para sua validação, foi submetida à apreciação de especialistas com notórios conhecimentos na área de estudo e titulação pertinente – doutorado – que atuaram como juízes e verificaram na proposta a sua qualidade aplicativa, conveniência e exequibilidade, cujos pareceres compõem os apêndices B e C.

Diante desta análise e recomendações, a Lista foi modificada, tendo recebido melhorias – que podem ser verificadas nos apêndices.

3.1.5 Teste-piloto :

A aplicação do Teste-Piloto utilizou uma dissertação defendida em 2008 no Programa de Mestrado em Informática da Universidade de São Paulo – USP – e se deu a 22 alunos do primeiro período do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do Campus Ponta Grossa da UTFPR, e demorou 86 minutos, sendo que o primeiro aluno a concluir o teste o fez em 41 minutos.

A extensão temporal se deve, segundo os acadêmicos, à falta de prática na realização de testes dessa natureza e, também, ao tempo investido em consultas a materiais de apoio.

A análise dos alunos foi individual e precedida de explicações – estilo “oficina” – sobre a finalidade e formas de utilização do produto em lide.

Neste ponto, há de se destacar que, para utilizar adequadamente a Lista, deve-se ter em mãos o texto a ser analisado, de preferência impresso (podendo, também apresentar-se em versão eletrônica). Primeiramente, deve-se verificar questões básicas de formatação – espaço entre linhas, margens, fonte (tipo e tamanho), composição dos elementos pré-textuais e do quadro de referências, bem como dos elementos – figuras, gráficos e tabelas – inseridos no corpo do texto. A seguir, deve-se analisar a linguagem nos seus aspectos de impessoalidade e adequação acadêmica, atentando para os detalhes de

coesão, ambiguidade, prolixidade e grafia. Também, a pontuação deve ter especial atenção, pois, se mal empregada, pode alterar o sentido do texto.

Para estas análises e verificações, pode-se – e deve-se – ter o apoio de materiais concernentes o mais atualizados possível.

Houve, por parte dos colaboradores no Teste-Piloto, perguntas sobre a possibilidade de consultas a materiais de apoio e às normas da ABNT, bem como sobre os itens da Lista que não estavam contemplados no trecho da dissertação analisada.

Esclareceram-se as dúvidas, informando-se que poderiam ser feitas consultas a materiais informativos e que os itens da Lista que não pudessem ser constatados não deveriam ser respondidos.

No decorrer da realização do Teste-Piloto, o autor da Lista não interferiu no desenvolvimento do trabalho dos alunos, tampouco forneceu possibilidades de resposta a qualquer um dos itens. Houve apenas esclarecimentos a dúvidas surgidas sobre a falta de espaço para anotações, fornecimento de endereços eletrônicos para busca de material de apoio e comentários sobre a diferença de interpretação das normas da ABNT por parte das instituições de ensino superior.

Concluído o Teste-Piloto, compilaram-se as respostas que ofereceram os dados quantitativos expostos no capítulo “resultados”.

A partir deste Teste-Piloto, elaborou-se nova Lista de Verificação, eliminando-se itens não representativos no que concerne a elaboração, compreensibilidade e formatação de um trabalho acadêmico, bem como se deu nova formatação ao produto, com a intenção de facilitar o uso dos espaços e informações específicas de cada item – o que deve ser levado em consideração no momento de enquadrar um texto acadêmico.

3.1.6 A adequação da lista de verificação:

Com os resultados alcançados nas etapas anteriores, foram feitos os ajustes necessários, tendo como produto a versão readequada da Lista de Verificação.

3.1.7 Aplicação da versão final:

A versão final do instrumento foi aplicada a 96 colaboradores, dentre alunos dos cursos superiores de tecnologia, e do curso de Bacharelado além de 13 professores.

Para a aplicação foi fornecida uma dissertação defendida em 2008 no programa de Mestrado Profissional em Ensino de Matemática e Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro e solicitado o emprego da Lista de Verificação. O instrumento foi avaliado, considerando os resultados e suas conformidades, com os seguintes parâmetros: valores 50 e 75 de uma escala centesimal iniciada em zero, como referência para determinar a adequação parcial do instrumento.

A figura 1 apresenta os parâmetros mencionados:

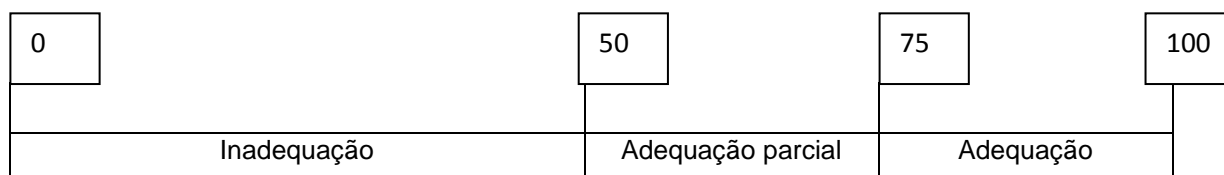


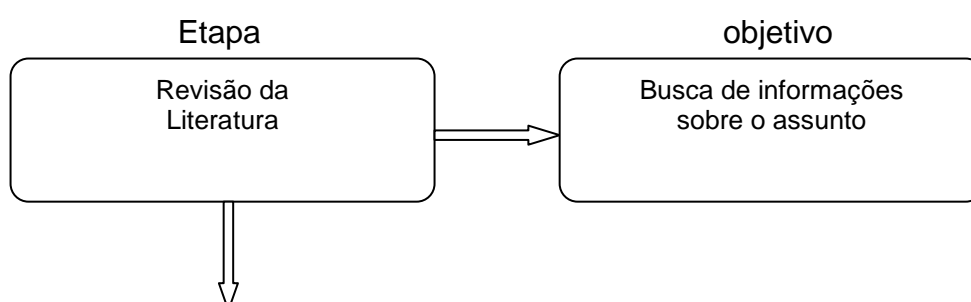
Figura 1 – parâmetros de adequação

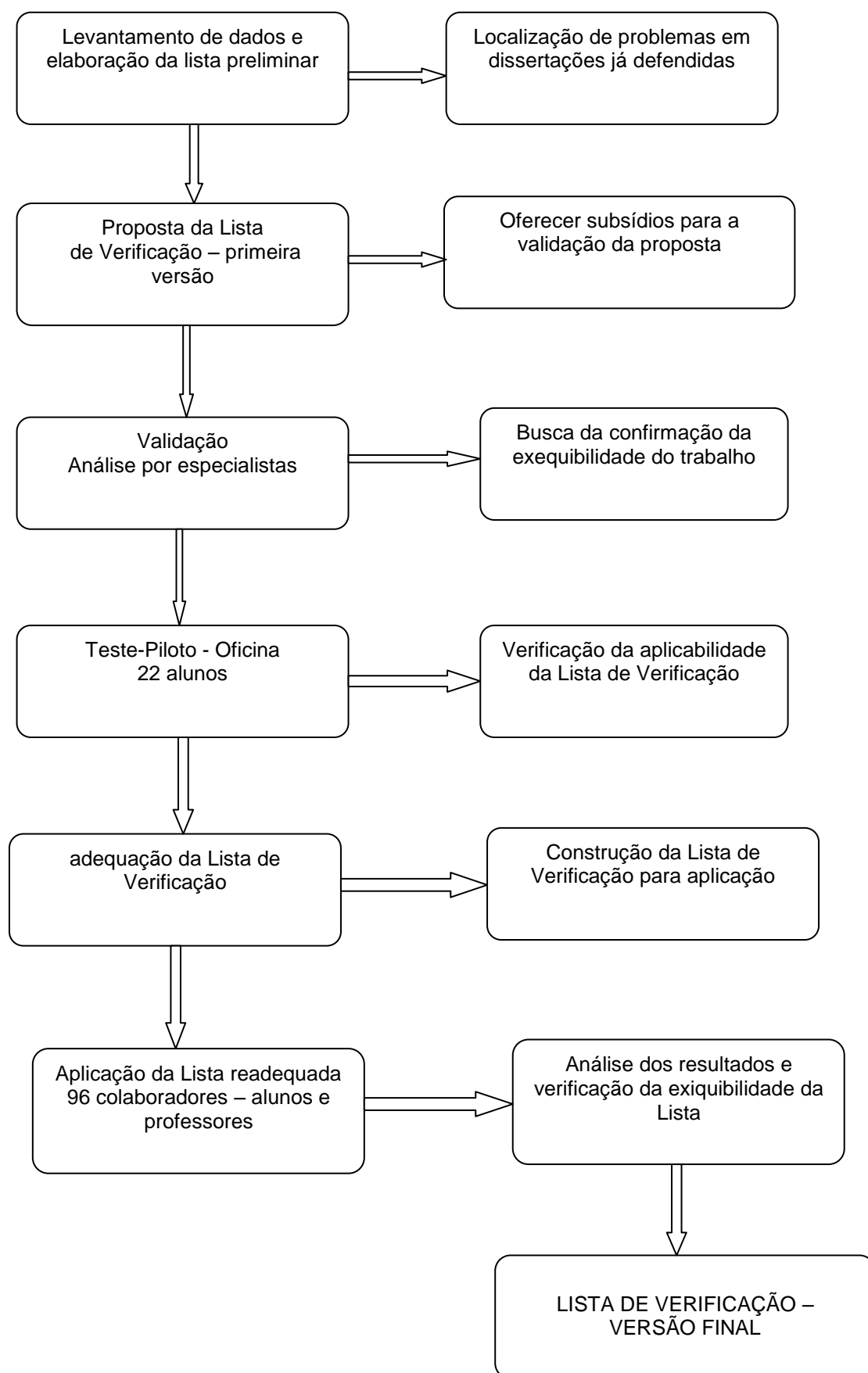
Fonte própria

Após a aplicação da versão acima descrita, considerando-se os resultados, a Lista definitiva foi composta. Esta Lista está no Apêndice F.

Nessa perspectiva, os itens da lista com valores inferiores a 50 caracterizam a inadequação incompleta do instrumento e foram retirados ou completamente refeitos; os itens que propiciaram valores entre 50 e 75 foram revistos e reescritos por se apresentarem parcialmente adequados; e os itens cujos valores foram superiores a 75 caracterizam a adequação completa, não sendo, portanto necessária qualquer alteração.

3.1.8 RESUMO ESQUEMÁTICO DAS ETAPAS DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS





4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Lista de Verificação, objeto deste trabalho, teve origem no contexto especificado no capítulo de Metodologia, consequenciando um quadro cujo conteúdo apresenta itens a serem verificados em um processo de composição ou conferência de um trabalho acadêmico.

As 31 dissertações observadas apresentaram não-conformidades concernentes especificamente a aspectos redacionais e de formatação – aqui se considerando as normas da língua culta e da ABNT, notadamente aqueles referentes à composição do quadro de referências, do espaçamento entre linhas e medidas das margens, citações, além dos problemas relacionados com a linguagem acadêmica, com inserções de redação em primeira pessoa, uso indevido de vírgulas (ausência ou excesso), falta de elementos coesivos, o que propicia quebra de coesão textual.

Tabela 1: Problemas encontrados nas dissertações

ASPECTOS REDACIONAIS	
ITEM	INCIDÊNCIA
Grafia	03
Clareza	02
Precisão	02
Prolixidade	05
Ambiguidade	05
Pontuação	13
Coesão	04
Coerência	04
Linguagem acadêmica	18
Impessoalidade redacional	16
ASPECTOS DE FORMATAÇÃO	
ITEM	INCIDÊNCIA
Margens	31
Tipo e tamanho de fonte	00
Entrelinhamento	06

Citações	04
Notas de rodapé	00
Paginação	11
Anexos	00
Apêndices	00
Referências	11
Itálicos	00
Negritos	00

Fonte: própria

A tabela demonstra em números a quantidade de dissertações que apresentaram não conformidades redacionais e de formatação que resultam em distorções a serem corrigidas, pois comprometem a exatidão do texto, uma vez que a compreensibilidade e a padronização, segundo as normas da língua culta e da ABNT não são cumpridas a contento.

A partir da tabela acima, elaborou-se uma segunda “Lista de Verificação” posta em Teste-Piloto, que foi aplicado a 22 alunos do primeiro período do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, turno noturno, que utilizaram as cinco primeiras páginas do referencial teórico e os elementos pré e pós-textuais de uma dissertação defendida em 2008 junto a um programa de Mestrado em Ciências Matemáticas e de Computação de uma instituição de ensino superior do estado de São Paulo, cuja aplicação apresentou os seguintes resultados, expressos na tabela seguinte:

Tabela 2: resultado do teste-piloto

ITEM	GABARITO	CORRETAS	ERRADAS	PERCENTUAL DE RESPOSTAS CORRETAS
GRAFIA	Incorreções	18	4	81,8%
CLAREZA	Incorreções	8	14	36,4%
PRECISÃO	Correto	21	1	95,5%
PROLIXIDADE	Correto	22	0	100,0%
AMBIGUIDADE	Correto	22	0	100,0%
PONTUAÇÃO	Incorreções	8	14	36,4%
COESÃO	Correto	22	0	100,0%

COERÊNCIA	Correto	22	0	100,0%
LINGUAGEM ACADÊMICA	Incorreção	5	17	22,7%
IMPESSOALIDADE REDACIONAL	correto	22	0	100,0%

ASPECTOS DE FORMATAÇÃO				
MARGENS	Incorreção	21	1	95,5%
<i>Superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm</i>				
TIPO E TAMANHO DE FONTE	Correto	21	1	95,5%
<i>Arial 12</i>				
ENTRELINHAMENTOS	Correto	22	0	100,0%
<i>ESPAÇO 1,5</i>				
CITAÇÕES	Correto	22	0	100,0%
<i>CURTAS, LONGAS</i>				
NOTAS DE RODAPÉ	Correto	22	0	100,0%
PAGINAÇÃO	incorreto	22	0	100,0%
ANEXOS	Correto	22	0	100,0%
APÊNDICES	Correto	22	0	100,0%
REFERÊNCIAS	Incorreto	20	2	90,9%
	Uso de itálico para destaque e elemento de entrada apenas com inicial maiúscula			
ITÁLICOS	Correto	17	5	77,3%
NEGRITOS	incorreto	17	5	77,3%

Fonte: própria

Os resultados do Teste-Piloto indicaram a necessidade de especificações técnicas sobre o que se pretende avaliar com a “Lista de Verificação”, ou seja, incluíram-se legendas em cada tópico componente da lista, e uma nova versão originou-se, tendo sido aplicada a 96 colaboradores, entre alunos dos cursos superiores de tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, de Automação Industrial e Bacharelado em Ciência da Computação, além de professores das Coordenações de Mecânica e de Informática.

Esta nova “Lista” apresentou os seguintes resultados:

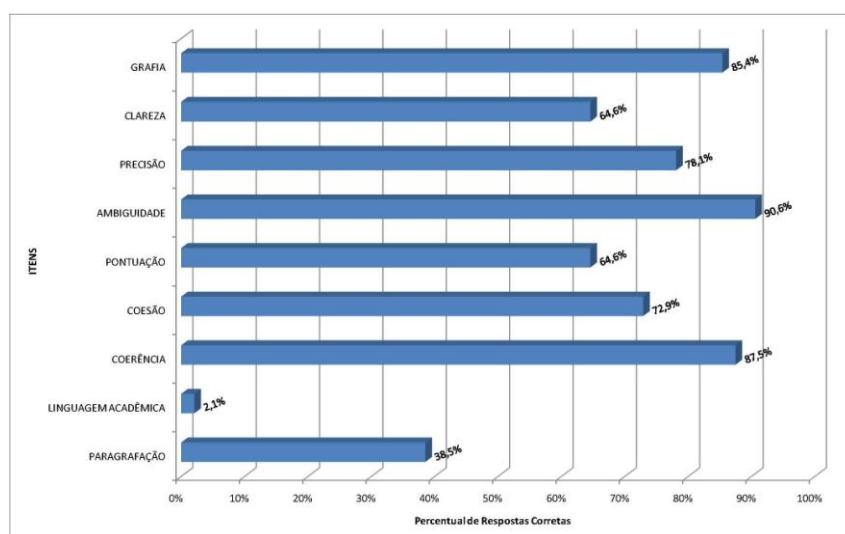


Gráfico 1: resultados da análise dos aspectos redacionais

Fonte: própria

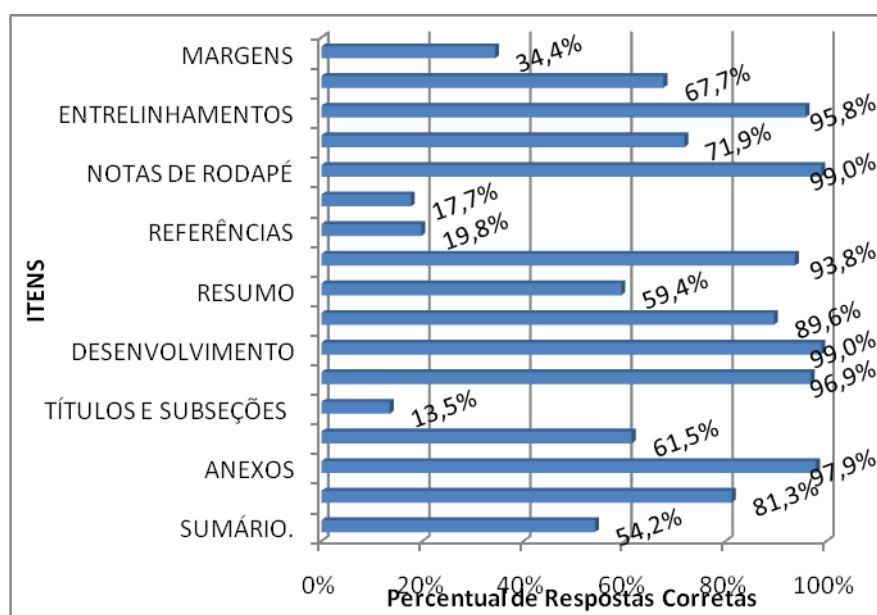


Gráfico 2: resultados da análise dos aspectos de formatação

Fonte: própria

A análise dos resultados obtidos com a aplicação da Lista de Verificação propiciou a conclusão de que sua eficiência e aplicabilidade são reais, muito embora haja itens a serem excluídos.

Assim, pelos resultados obtidos, a elaboração da lista definitiva foi realizada com a exclusão dos itens: clareza, pontuação, linguagem acadêmica e paragrafação.

Tais itens não obtiveram, pelos parâmetros pré-estabelecidos na metodologia do trabalho, os valores necessários para sua validação.

Destarte, foram excluídos da Lista de Verificação os itens “paragrafação”, cuja complexidade de análise dificulta sua avaliação, e o item “linguagem acadêmica” que ofereceu maior dificuldade de análise, haja vista a multiplicidade de interpretação e de reconhecimento de seus detalhes, ou seja, oferece uma variabilidade que permeia o texto conforme a área de estudos, a interpretação das normas da ABNT e até mesmo o nível intelectual do autor e orientador.

Por outro lado, os itens Clareza, Pontuação e Coesão foram revistos, revisados e neles inseridos explicações e detalhamentos mais específicos que possibilitam maior compreensão e facilitam a análise e aplicabilidade.

No que concerne aos aspectos de formatação, excluíram-se os itens “margens”, “paginação” e “referências”, que ficaram com percentuais analíticos abaixo de 50% (cinquenta por cento) de reconhecimento. Os itens referentes à fonte e ao resumo foram revistos e melhor especificados, dando-lhes mais clareza para análise.

Todos os demais itens que compõem a “Lista de Verificação” foram mantidos tal como se apresentaram no produto após o teste-piloto e o produto final está definitivamente composto e exposto no Apêndice A deste trabalho.

Além dos itens analisados na dissertação acima referida, uma pergunta foi lançada aos 96 colaboradores, cuja resposta originou o seguinte gráfico:

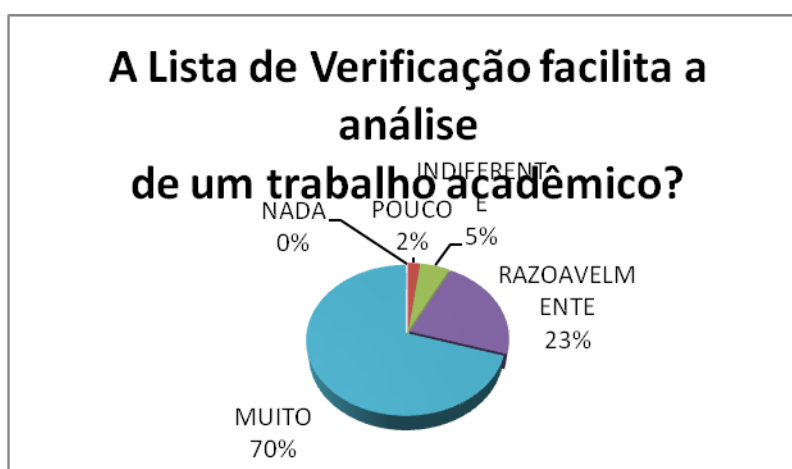


Gráfico 3: resultados da pergunta sobre a viabilidade da “Lista de Verificação”

Fonte: própria

Este conjunto de respostas, associado à aplicação da Lista e seus resultados, oferece o suporte necessário para a continuidade do trabalho, pois demonstra que a elaboração e avaliação de um trabalho acadêmico se torna mais fácil e eficiente com o apoio de uma ferramenta que propicie o acompanhamento redacional e de formatação.

Pôde-se perceber no decorrer das análises, tanto das dissertações que serviram de base para a elaboração do instrumento quanto na aplicação do Teste-Piloto e da Lista modificada, que a incidência de diferenciação na interpretação das normas da ABNT é bastante significativa, o que não se pode considerar como erro ou não-conformidade.

Não obstante a disponibilização, sob todas as formas possíveis, das NBR's específicas que norteiam a formatação de trabalhos acadêmicos, dúvidas existem, tanto para quem redige como para quem orienta, corrige e revisa.

Outro aspecto interessante verificado no conjunto de trabalhos analisados é a orientação dos programas de pós-graduação no que concerne a formatação. A interpretação das normas varia de instituição para instituição, não havendo uniformidade nacional de enquadramento de trabalhos.

Sob o ponto de vista redacional, a maior incidência de problemas, que podem ser identificados como “erro”, é justamente na pontuação, especificamente no emprego de vírgulas, ora postas em demasia, ora faltantes, o que resulta em ambiguidade, desconforto na leitura, direcionamento a erro interpretativo, além do não cumprimento das normas gramaticais.

Mas a pontuação não é o único problema com incidência relevante no contexto redacional. Também a linguagem acadêmica é objeto de melhor verificação no que tange, principalmente, à impessoalidade e coesão.

Tais pontos cruciais da análise que a Lista propicia induz ao raciocínio de que os itens que obtiveram índice abaixo de 75% na escala proposta, notadamente clareza, pontuação, linguagem acadêmica, paragrafação – todos aspectos redacionais – requerem do analisador uma vivência mais acentuada com a prática da escrita, especificamente no que concerne a trabalhos acadêmicos. Igualmente, os itens constantes dos aspectos de formatação – margens, fontes, paginação, referências, resumo, títulos e subseções, ilustrações e sumário – são referenciais que exigem não apenas conhecimento

mais aprofundados, mas também consultas às normas da ABNT e, principalmente, dos requisitos e exigências do programa da instituição de ensino em que o trabalho foi apresentado e/ou defendido.

Estas indicações cujos percentuais se apresentaram abaixo de 75% foram revistas, reavaliadas e refeitas para comporem adequadamente a Lista de Verificação definitiva, pois são itens de vital importância no contexto avaliativo de um trabalho acadêmico.

Nestas conjecturas, Marques (2002, p.230) destaca a importância de escrever como princípio da pesquisa ao afirmar que

Se a pesquisa se concretiza na urdidura de texto de autoria própria, então se constitui o escrever em princípio da pesquisa, tanto no sentido de por onde ela deve iniciar sem perda de tempo como no sentido de que é o escrever que a desenvolve, conduz, disciplina e faz fecunda.

De fato, pode-se considerar estas palavras como sendo indicativo de que a pesquisa de materiais de apoio também são primordiais na aplicação de um instrumento avaliativo, analítico e norteador de elaboração de trabalhos acadêmicos.

Machado (2002, p.45-66) afirma que a maior dificuldade da orientação está associada à dificuldade da escrita, o que causa angústia e desespero ao aluno da pós-graduação, pois escreveram pouco nos cursos universitários.

Outro aspecto relevante observado é que o período de estudos de Língua Portuguesa de um aluno – cerca de quinze anos – do propedêutico à conclusão da graduação – não lhe confere competência para a escrita satisfatória, pois, segundo a autora, os professores de Português centralizam suas ações na estrutura gramatical do idioma e, salvo exceções, não na sua prática, requisito para a produção de textos técnico-científicos.

Assim, vê-se o fortalecimento da tendência de atribuir a falha na formação pregressa do aluno e aquele que aprender, ou simplesmente conseguir escrever sua dissertação, terá conquistado algo mais que o título.

Neste tom de frustração, o orientador tem que admitir que a metade do seu trabalho foi de organização da escrita, primeiros passos para a composição de uma obra.

5 CONCLUSÃO

Começou-se este estudo questionando a qualidade formal das dissertações e teses produzidas na pós-graduação brasileira. A ideia inicial, pautada em Marx, foi que um trabalho, mesmo desenvolvido corretamente sob o ponto de vista metodológico, tem sua qualidade prejudicada quando não são empregados os procedimentos corretos (leia-se normas da ABNT) na elaboração dos resultados. A dúvida existente foi dissipada com a análise de um conjunto de dissertações analisadas. Contatou-se que não há a preocupação, tanto por parte de elaboradores quanto de orientadores, com os detalhes formais e redacionais, talvez por simples distração como, também, por ignorar ou desconhecer normas elementares.

Destarte, verificou-se um número de diferenças e não-conformidades nas dissertações analisadas previamente e, também, o teste-piloto e a aplicação final apontaram para as mesmas realidades.

Pôde-se constatar que as dissertações analisadas, tanto pelo proponente da Lista quanto pelos colaboradores, têm, sem exceção, desvios das normas cultas e das normas da ABNT, no entanto, e para oferecer subsídios e condições de minimizar estes desvios e amenizar dificuldades quando da elaboração de textos acadêmicos, esta Lista de Verificação foi elaborada.

A aplicabilidade do produto é bastante simples, como descrito no capítulo da Metodologia, e pode levar o avaliador e/ou elaborador, após a pesquisa e a redação inicial, aos caminhos mais amenos da busca pelo texto ideal, o que é possível, e, conforme comprovado pelos testes e aplicações prévias, a Lista de Verificação é uma ferramenta que dá este suporte.

A Lista sofreu, ao longo dos experimentos, modificações e análises mais aprofundadas por parte do proponente, alterações estas que ofereceram melhorias consolidadas pelas aplicações. Itens foram revistos, explicações e exemplos acrescentados, conjecturas consideradas e ponderações oriundas de dúvidas exerceram influência significativa para a calibração do instrumento.

Claro é que a ferramenta não está pronta, e nunca estará, pois as alterações linguísticas e de normalização são constantes. Não tanto na Língua

Portuguesa que, mesmo sendo viva e dinâmica, e por isto mesmo em constante mutação, segue um padrão denominado de Língua Culta, que rege a redação de trabalhos acadêmicos. Por outro lado, as normas de formatação são mais flutuantes e estão à mercê de alterações mais imediatas, o que não compromete nenhum trabalho, apenas força a uma constante atualização de informações.

Naturalmente, devido à dinâmica do idioma, das normas e dos sistemas educacionais, outros trabalhos poderão – ou deverão – surgir em complemento ou substituição a este, o que será de grande valia, pois a intenção é oferecer condições cada vez melhores para a prática do escrever em linguagem acadêmica, já que não apenas os cursos e programas de pós-graduação, mas a graduação exige cada vez mais a pesquisa e redação, em atividade cujo crescimento não pode ser ignorado tampouco deixado sem base técnico-científica adequada e eficaz.

Portanto, oferece-se, através deste estudo, uma ferramenta plenamente exequível e aplicável a qualquer tipo de trabalho acadêmico, independente do nível, desde o ensino fundamental à pós-graduação.

6 REFERÊNCIAS

ALVEZ-MAZZOTTI, Alda Judith. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. *In* BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) **A bússola do escrever** – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis, Ed. UFSC/Cortez, 2002. p. 25-44.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 6024: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 6027: sumário, Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 6028: resumos, Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro 2002.

_____. NBR 14724: informação e documentação: trabalho acadêmico: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

BIANCHETTI, Lucídio. O desafio de escrever dissertações/teses: como incrementar a quantidade e manter a qualidade com menos tempo e menos recursos?. *In* BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) **A bússola do escrever** – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis, Ed. UFSC/Cortez, 2002. p. 165-186.

CASTRO, Cláudio Moura. Memórias de um orientador de tese: um autor relê sua obra depois de um quarto de século. *In* BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) **A bússola do escrever** – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis, Ed. UFSC/Cortez, 2002. p. 109-134.

_____. **Como redigir e apresentar um trabalho científico**. São Paulo, Pearson, 2010.

CHASSOT, Áttilio I. Orientação virtual: uma nova realidade. *In* BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) **A bússola do escrever** – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis, Ed. UFSC/Cortez, 2002. p. 89-108.

CUNHA, Lélia Galvão Caldas. *Apud* RODRIGUES, Maria Eliane Fonseca; LIMA, Márcia H. de Figueiredo; GARCIA, Márcia Jabor de Oliveira. A

normalização no contexto da comunicação científica. **Revista Perspectiva Científica**, Belo Horizonte, v.3, nº2, pág. 147-156, jul/dez.1998.

DEMO, Pedro. **Pobreza política**. São Paulo, Autores Associados, 2001.
ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 15ª Ed., São Paulo, Perspectiva, 2000.
FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Apresentação à Edição Brasileira**. In ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 15ª Ed., São Paulo, Perspectiva, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de *Darstellung* em Walter Benjamin ou verdade e beleza. **Kriterion: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, p. 183-190, dez. 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 2ª Ed., São Paulo, Atlas, 1989.

LOPES, Thiago Araújo. **Proposta de metodologia para elaboração e validação de lista de checagem para revisão e análise da qualidade de estudos de avaliação de impactos ambientais**. 8 p.(artigo – curso de mestrado em engenharia ambiental, USP.

MACHADO, Ana Maria Netto. A relação entre a autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações. In BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) **A bússola do escrever – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis, Ed. UFSC/Cortez, 2002. p. 45-66.

MARQUES, Mario Osorio. A orientação da pesquisa nos programas de pós-graduação. In BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) **A bússola do escrever – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis, Ed. UFSC/Cortez, 2002. p. 227-235.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Os economistas, v. 1.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 4ª Ed. São Paulo, Atlas, 2003.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. Avaliação na pós-graduação brasileira: novos paradigmas, antigas controvérsias. In BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) **A bússola do escrever – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis, Ed. UFSC/Cortez, 2002. p. 187-214.

MOREL, Regina. *Apud* RODRIGUES, Maria Eliane Fonseca; LIMA, Márcia H. de Figueiredo; GARCIA, Márcia Jabor de Oliveira. A normalização no contexto da comunicação científica. **Revista Perspectiva Científica**, Belo Horizonte, v.3, nº2, pág. 147-156, jul/dez.1998.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 2ªed., São Paulo, Martins Fontes, 1993.

RODRIGUES, Maria Eliane Fonseca; LIMA, Márcia H. de Figueiredo; GARCIA, Márcia Jabor de Oliveira. A normalização no contexto da comunicação científica. **Revista Perspectiva Científica**, Belo Horizonte, v.3, nº2, pág. 147-156, jul/dez.1998.

SAVIANI, Dermeval. A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. *In* BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) **A bússola do escrever** – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis, Ed. UFSC/Cortez, 2002. p. 135-164.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. *In* BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) **A bússola do escrever** – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis, Ed. UFSC/Cortez, 2002. p. 67-88.

ZILBERMANN, Regina. Orientação: a aventura compartilhada. *In* BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) **A bússola do escrever** – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis, Ed. UFSC/Cortez, 2002. p. 329-336.

APÊNDICE A

Lista de Verificação enviada aos especialistas

ASPECTOS REDACIONAIS					
ITEM	muito ruim	ruim	nem ruim nem bom	bom	muito bom
GRAFIA					
CONSTRUÇÃO FRASAL					
PARAGRAFAÇÃO					
ESTRUTURA SEMÂNTICA					
ESTRUTURA LEXICAL					
ESTRUTURA SINTÁTICA					
CLAREZA					
PRECISÃO					
PROLIXIDADE					
AMBIGUIDADE					
CONCORDÂNCIAS					
PONTUAÇÃO					
COESÃO					
COERÊNCIA					
TIPO DE LINGUAGEM					
NÍVEL DE LINGUAGEM					
IMPESSOALIDADE REDACIONAL					
ASPECTOS DE FORMATAÇÃO					
ITEM	muito ruim	ruim	nem ruim nem bom	bom	muito bom
MARGENS					
TIPO DE FONTE					
TAMANHOS DA FONTE					
ENTRELINHAMENTOS					
SEQUÊNCIA DO TRABALHO					

CAPA					
FOLHA DE ROSTO					
TERMO DE APROVAÇÃO					
EPÍGRAFE					
DEDICATÓRIA					
AGRADECIMENTOS					
LISTAS DE ILUSTRAÇÕES, TABELAS, QUADROS E GRÁFICOS					
SUMÁRIO					
CITAÇÕES					
NOTAS DE RODAPÉ					
PAGINAÇÃO					
ANEXOS					
APÊNDICES					
REFERÊNCIAS					
BIBLIOGRAFIA					
ASPAS					
PARÊNTESES					
COLCHETES					
GRIFOS					
ITÁLICOS					
NEGRITOS					

APÊNDICE B

Parecer do primeiro especialista

Ponta Grossa, 24 de setembro de 2010

Parecer sobre Lista de verificação de produto

Objetiva-se uma descrição analítica da tabela de verificação de produto que tem por objetivo apresentar elementos objetivos para a análise de uma produção bibliográfica.

Numa primeira leitura acredita-se que a presente tabela constitui-se num elemento significativo para direcionar uma análise crítica de qualquer trabalho acadêmico. No entanto, cabe ressaltar algumas situações em que, talvez, a tabela possa criar conflitos de análise.

Em face ao exposto, cabe ressaltar que a proposta de análise redacional numa perspectiva da escala de Lickert parece criar confusão em função da redação proposta. Se utilizarmos a lógica Fuzzy, temos como norte a situação em que é necessário um terceiro parâmetro para descrição de uma devida situação. Nesta lógica, quando se propõe escalas intermediárias como RUIM e BOM, a situação descritiva entre as duas escalas fica incompreensível com os termos “nem bom, nem ruim”. Como se pensa em conceitos que possam dar um parâmetro de análise, o termo utilizado no texto nos parece ambíguo. Dito de outra forma, a descrição cai num vazio em que não se consegue visualizar, ou materializar, a situação em que se encontra o trabalho analisado. Seria interessante a análise do modelo pela lógica Fuzzy para definição dos pesos dos parâmetros e sua real utilidade.

Algumas categorias parecem estranhas na medida em que se avalia pelos critérios propostos (muito ruim, ruim...). Seriam os casos de prolixidade e ambiguidade. Para se analisar se um texto é ambíguo contrapõe-se o termo com o conceito de clareza ou precisão. Por exemplo, um texto extremamente ambíguo, qual escala seria assinalada? Um texto pouco prolixo, seria assinalado como muito bom?

Outra situação discutível seria o nível de linguagem. Esse critério parece ser por demais subjetivo, uma vez que a análise deste nível dependerá do “nível” do vocabulário de quem lê. E nesta perspectiva, parece não ser mensurável a categoria.

Outra preocupação surge com a proposta de análise dos aspectos de formatação. Considerando que cada Programa de Pós-Graduação adota um modelo próprio, essa tabela usaria qual parâmetro? Parece mais útil neste caso uma análise do tipo “atende ou não atende”

Em face ao objetivo proposto nesse parecer sugiro a discussão dos itens apresentados para sustentação do modelo proposto.

Prof. Dr. [REDACTED]

APÊNDICE C

Parecer do segundo especialista

VALIDAÇÃO DE UMA FERRAMENTA PARA A IDENTIFICAÇÃO DE PROBLEMAS E NÃO CONFORMIDADES EM DISSERTAÇÕES POR INTERMÉDIO DE UM INSTRUMENTO AVALIATIVO DENOMINADO “LISTA DE VERIFICAÇÃO”.

Autor: Flávio Madalosso Vieira

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Ponta Grossa.

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Matemática - Mestrado

INTRODUÇÃO

O presente parecer refere-se à validação de uma ferramenta para a identificação de problemas e não conformidades em dissertações por intermédio de um instrumento avaliativo, de autoria de Flávio Madalosso Vieira, sob a orientação do Prof. Dr. Luis Alberto Pilatti.

A ferramenta em análise é parte integrante da dissertação de mestrado em Ensino de Ciência e Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Ponta Grossa.

O autor ao propor esta ferramenta objetiva estabelecer parâmetros formais que dê suporte para análise de textos acadêmicos no tocante aos seus aspectos redacionais e de formatação.

Justifica a sua proposta em virtude da inexistência de trabalhos que reflitam sobre a apresentação escrita de conformidade com os estabelecidos em ritos acadêmicos. Afirmando que a maioria dos trabalhos existentes traz como foco principal, orientações de como bem utilizar as normas da ABNT.

Destaca também que as não-conformidades detectadas nos trabalhos pesquisados, relacionam-se principalmente com grafia das palavras, com a aplicação de sinais gráficos de pontuação e com a formatação de citações, sejam elas de forma direta, indireta e paráfrases.

O referencial teórico apresentado baseia-se principalmente no livro **A bússola do escrever** – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações, organizado por BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (organizadores) da Editora UFSC/Cortez, 2002.

Os procedimentos metodológicos adotados no presente trabalho trazem em seu contexto o método indutivo. O foco para a elaboração da “Lista de Verificação” centrou em duas áreas distintas: na redacional e na formatação.

Conforme suas informações a “Lista de Verificação” é composta em forma de tabela, na qual apresenta colunas referentes aos tópicos analisados e de níveis de avaliação, conforme a escala de Likert, composta por cinco elementos, variando entre 1 e 5.

ANÁLISE DA FERRAMENTA

Partindo do pressuposto que a construção de uma ferramenta para análise dos parâmetros formais e de não conformidades em trabalhos acadêmicos deve ser elaborada a partir de uma série de termos e conceitos que devem seguir de modelo para o seu desenvolvimento, elaboramos a presente análise e parecer.

Primeiro momento

A ferramenta apresentada traz num primeiro plano dois tópicos, de fato indispensáveis para orientar a análise a ser feita. Primeiro refere-se aos percentuais utilizados e posteriormente aos critérios de avaliação a ser seguido a partir da identificação dos escritos nos trabalhos acadêmicos. Neste item sugerimos a seguinte troca:

Muito ruim – muito aquém

Ruim – aquém

Nem ruim nem bom – atende

Segundo momento

No segundo momento são retratados os aspectos redacionais constituídos pela grafia, construção frasal, paragrafação, estrutura semântica, estrutura lexical, estrutura sintática, clareza, precisão, prolixidade, ambigüidade, concordâncias, pontuação, coesão, coerência, tipo de linguagem, nível de linguagem e impessoalidade redacional.

Entende-se que o determinado neste tópico traz em seu contexto certa dificuldade de identificação das manifestações utilizadas nos trabalhos acadêmicos. Os

termos utilizados e futuramente praticados transforma-se em um desafio complexo e exige um amplo conhecimento das nuances estabelecidas pela língua portuguesa, visto serem os mesmos específicos de profissionais que atuam no ensino da língua portuguesa. Denotando desta maneira dificuldades de aplicação por profissionais de outras áreas.

Na dúvida, com o que o documento declara sugerimos que para cada um dos itens apresentados neste tópico seja estabelecido parâmetro de orientação, tais como:

Item: Paragrafação.

Proposta: Os parágrafos apresentam uma idéia ou raciocínio completo.

Item: Clareza

Proposta: A Linguagem é correta, objetiva, clara, simples e direta

Terceiro momento

O terceiro momento relaciona-se com os aspectos da formatação do trabalho em si, o qual ficou assim constituído: margens, tipo de fonte, tamanhos da fonte, entrelinhamentos, sequência do trabalho, capa, folha de rosto, termo de aprovação, epígrafe, dedicatória, agradecimentos, listas de ilustrações, tabelas, quadros e gráficos, sumário, citações, notas de rodapé, paginação, anexos, apêndices, referências, bibliografia, aspas, parênteses, colchetes, grifos, itálicos e negritos.

E importante salientar que este tópico está fundamentado nas normas emanadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

Sugerimos que para cada um dos itens apresentados neste tópico seja estabelecido parâmetro de orientação, tais como:

Item: Listas.

Proposta: Separá-las

Justificativa: Nem todos os trabalhos contemplam a totalidade dos itens.

Item: Citação

Proposta: As citações são utilizadas em conformidade com as normas da ABNT.

Justificativa: Neste caso temos três situações que podem ser utilizadas, onde cada uma delas traz em seu contexto uma determinação – citação direta e indireta (paráfrase).

PARECER

Entendemos que se trata de uma proposta de maior relevância para análise dos textos aprovados nos programas de pós-graduação que assume uma crescente centralidade em futuros debates sobre o assunto.

Através do método utilizado pelo autor na proposição desta ferramenta foi possível concluir que:

- As escalas apresentadas proporcionam uma avaliação padrão, necessária para avaliação dos textos acadêmicos, mostrando-se objetivas e de fácil aplicação.
- Os aspectos redacionais constituem-se num instrumento bastante aceitável, entretanto visando facilitar o entendimento do avaliador foi apresentado sugestões de modificações, mas que no seu contexto não invalida o proposto.
- Os aspectos de formatação do trabalho, baseado nas normas da ABNT pode ser empregada, as sugestões apresentadas não invalidam a proposta apresentada.

A partir do exposto entendemos ser válido o apresentado pelo mestrando Flávio Madalosso Vieira, no tocante a proposta de estabelecer uma ferramenta para identificação de problemas e não conformidades em dissertações por intermédio de um instrumento avaliativo denominado “lista de verificação”.

Prof. Dr. [REDACTED]

APÊNDICE D

Lista de Verificação aplicada no teste-piloto

**INSTRUMENTO DE REVISÃO REDACIONAL E METODOLÓGICA
PARA APLICAÇÃO AVALIATIVA EM TRABALHOS
ACADÊMICOS
LISTA DE VERIFICAÇÃO**

ASPECTOS REDACIONAIS			
ITEM	CORRETO	INCORRETO	LOCALIZAÇÃO
GRAFIA			
CLAREZA			
PRECISÃO			
PROLIXIDADE			
AMBIGUIDADE			
PONTUAÇÃO			
COESÃO			
COERÊNCIA			
LINGUAGEM ACADÊMICA			
IMPESSOALIDADE REDACIONAL			
ASPECTOS DE FORMATAÇÃO			
ITEM	CORRETO	INCORRETO	LOCALIZAÇÃO
MARGENS <i>Superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm</i>			
TIPO E TAMANHO DE FONTE <i>Arial 12</i>			
ENTRELINHAMENTOS <i>ESPAÇO 1,5</i>			
CITAÇÕES <i>CURTAS, LONGAS</i>			
NOTAS DE RODAPÉ			
PAGINAÇÃO			
ANEXOS			
APÊNDICES			
REFERÊNCIAS			
ITÁLICOS			
NEGRITOS			

APÊNDICE E

Lista de Verificação aplicada ao grupo de colaboradores

INSTRUMENTO DE REVISÃO REDACIONAL E METODOLÓGICA PARA APLICAÇÃO AVALIATIVA EM TRABALHOS ACADÊMICOS LISTA DE VERIFICAÇÃO

ASPECTOS REDACIONAIS		
ITEM	CORRETO	INCORRETO
GRAFIA Erros de acentuação, erro de aplicação - ou não - de hífen, troca indevida de letras, inadequação de crase.		
Localização e comentários:		
CLAREZA Uso de termos ou expressões que não deem noções exatas.		
Localização e comentários:		
PRECISÃO Adequação vocabular para transmitir exatamente o que pretende o autor, sem prolixidades, inserções literárias ou elementos que deem ao texto extensão desnecessária.		
Localização e comentários:		
AMBIGUIDADE A redação não possibilita outra interpretação além daquela a que se propôs o autor.		
Localização e comentários:		
PONTUAÇÃO Uso de sinais de pontuação – vírgulas, ponto e vírgula, ponto final, dois pontos etc – de forma a dar ao leitor condições de compreensão, além de atender à norma culta.		
Localização e comentários:		
COESÃO A articulação de ideias e continuidade podem ser percebidas entre os parágrafos com – ou sem – o uso de conectivos (conjunções, pronomes, advérbios).		
Localização e comentários:		
COERÊNCIA A sequência do texto e a concepção de ideias e argumentos demonstra convicção técnico-científica e lógica de raciocínio. Os parágrafos apresentam ideias completas.		
Localização e comentários:		
LINGUAGEM ACADÊMICA		

Uso da língua padrão (sem inserções de linguagem coloquial), com termos técnico-científicos adequados, sem o uso de primeira pessoa (texto redigido em linguagem impessoal).		
Localização e comentários:		
PARAGRAFAÇÃO Os parágrafos não são nem muito curtos (4 linhas ou menos) nem muito longos (10 linhas ou mais).		
Localização e comentários:		

ASPECTOS DE FORMATAÇÃO		
ITEM	CORRETO	INCORRETO
MARGENS Padrão ABNT: Superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm		
Localização e comentários:		
TIPO E TAMANHO DE FONTE Padrão ABNT: Arial 12 (texto); Arial 10 para legendas, citações longas, tabelas e notas de rodapé; Arial 14 para o título na capa e folha de rosto. Admite-se o uso de <i>Times New Roman</i> .		
Localização e comentários:		
ENTRELINHAMENTOS Padrão ABNT: no texto – espaço 1,5 em citações longas, resumo, notas de rodapé, legendas e em ilustrações, quadros e tabelas – espaço 1 (simples).		
Localização e comentários:		
CITAÇÕES CURTAS (até três linhas) – segue a sequência do texto, porém entre aspas, e o nome do autor, em letras maiúsculas, ano da publicação e o número da página aparecem entre parênteses; LONGAS (com mais de três linhas) – em parágrafo próprio, com recuo de 4 cm da margem esquerda, espaço 1 e fonte tamanho 10. Autor, ano e página igual à citação curta.		
Localização e comentários:		
NOTAS DE RODAPÉ Adequadas ao contexto e em conformidade com as normas da ABNT.		
Localização e comentários:		
PAGINAÇÃO O número (em algarismos arábicos) das páginas está		

localizado no canto superior direito, conforme o padrão ABNT. As páginas pré-textuais são contadas, mas não recebem número.		
Localização e comentários:		
REFERÊNCIAS O quadro de referências está construído conforme as normas da ABNT – elemento de entrada em maiúsculas, destaque com negrito e completa.		
Localização e comentários:		
ITÁLICOS Os termos estrangeiros estão grafados em itálico, atendendo às normas da ABNT		
Localização e comentários:		
RESUMO Em, no máximo, 500 palavras, são expostos os objetivos, os métodos, os resultados e as conclusões do trabalho. Está redigido em único parágrafo, em entrelinhamento menor, sem recuo de parágrafo. A redação é feita na terceira pessoa do singular. Não há citações bibliográficas.		
Localização e comentários:		
INTRODUÇÃO Expõe o tema, justificativa, objetivos, metodologia e, de forma sucinta, a estrutura do trabalho.		
Localização e comentários:		
DESENVOLVIMENTO Composto por referencial teórico, métodos e resultados. Os itens têm títulos e subtítulos.		
Localização e comentários:		
CONCLUSÃO Os resultados são evidentes e a conclusão é satisfatória.		
Localização e comentários:		
TÍTULOS E SUBSEÇÕES Padrão ABNT: Títulos centralizado, com letras maiúsculas e em negrito; seções secundárias alinhadas à esquerda, inicial maiúscula e em negrito; seções secundárias alinhadas à esquerda, inicial maiúscula sem negrito; seções terciárias sem negrito		
Localização e comentários:		
QUADROS, TABELAS, FIGURAS, GRÁFICOS E ILUSTRAÇÕES		

A tabela é aberta (sem bordas laterais) e o quadro é fechado (com bordas laterais). Ambos têm bordas superiores e inferiores; há legenda e fonte, grafadas conforme as normas.		
Localização e comentários:		
ANEXOS Identificado conforme padrão ABNT (folha de rosto com título) e numerados sequencialmente ao trabalho. Havendo mais de um anexo, cada um deles é identificado alfabeticamente. Ex. Anexo A.		
Localização e comentários:		
APÊNDICES Identificado conforme padrão ABNT (folha de rosto com título) e numerados sequencialmente ao trabalho. Havendo mais de um apêndice, cada um deles é identificado alfabeticamente. Ex. Apêndice A.		
Localização e comentários:		
SUMÁRIO Os itens aparecem na mesma sequência do texto; os elementos pré-textuais não aparecem; totalmente alinhado à esquerda com linha pontilhada entre o item e a página; as listas de figuras, quadros, tabelas e ilustrações aparecem antes do sumário.		
Localização e comentários:		

APÊNDICE F

Lista de Verificação definitiva

IDENTIFICAÇÃO

(____) aluno

(____) professor

NOME: _____

COORDENAÇÃO: _____

CURSO: _____

1 – A Lista de Verificação facilita a análise de um trabalho acadêmico?

NADA	POUCO	INDIFERENTE	RAZOAVELMENTE	MUITO

2 – Quais as dificuldades que você sentiu ao utilizar a Lista de Verificação?

3 – Sugestões para melhoria da Lista de Verificação.

**INSTRUMENTO DE REVISÃO REDACIONAL E METODOLÓGICA
PARA APLICAÇÃO AVALIATIVA EM TRABALHOS
ACADÊMICOS
LISTA DE VERIFICAÇÃO**

ASPECTOS REDACIONAIS				
ITEM	CORRETO	INCORRETO	ITEM AUSENTE	QUANTIDADE DE INCIDÊNCIAS
GRAFIA Erros de acentuação, erro de aplicação - ou não - de hífen, troca indevida de letras, inadequação de crase.				
Localização e comentários:				
CLAREZA Uso de termos ou expressões que não deem noções exatas.				
Localização e comentários:				
PRECISÃO Adequação vocabular para transmitir exatamente o que pretende o autor, sem prolixidades, inserções literárias ou elementos que deem ao texto extensão desnecessária.				
Localização e comentários:				
AMBIGUIDADE A redação não possibilita outra interpretação além daquela a que se propôs o autor.				
Localização e comentários:				
PONTUAÇÃO Uso de sinais de pontuação – vírgulas, ponto e vírgula, ponto final, dois pontos etc – de forma a dar ao leitor condições de compreensão, além de atender à norma culta.				
Localização e comentários:				

COESÃO A articulação de ideias e continuidade podem ser percebidas entre os parágrafos com – ou sem – o uso de conectivos (conjunções, pronomes, advérbios).				
Localização e comentários:				
COERÊNCIA A sequência do texto e a concepção de ideias e argumentos demonstra convicção técnico-científica e lógica de raciocínio. Os parágrafos apresentam ideias completas.				
Localização e comentários:				
LINGUAGEM ACADÊMICA Uso da língua padrão (sem inserções de linguagem coloquial), com termos técnico-científicos adequados, sem o uso de primeira pessoa (texto redigido em linguagem impessoal).				
Localização e comentários:				
PARAGRAFAÇÃO Os parágrafos não são nem muito curtos (4 linhas ou menos) nem muito longos (10 linhas ou mais).				
Localização e comentários:				

ASPECTOS DE FORMATAÇÃO				
ITEM	CORRETO	INCORRETO	ITEM AUSENTE	QUANTIDADE DE INCIDÊNCIAS
MARGENS Padrão ABNT: Superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm				
Localização e comentários:				
TIPO E TAMANHO DE FONTE Padrão ABNT: Arial 12 (texto); Arial 10 para legendas, citações longas, tabelas e notas de rodapé; Arial 14 para o título na capa e folha de rosto. Admite-se o uso de <i>Times New Roman</i> .				
Localização e comentários:				

ENTRELINHAMENTOS Padrão ABNT: no texto – espaço 1,5 em citações longas, resumo, notas de rodapé, legendas e em ilustrações, quadros e tabelas – espaço 1 (simples).				
Localização e comentários:				
CITAÇÕES CURTAS (até três linhas) – segue a sequência do texto, porém entre aspas, e o nome do autor, em letras maiúsculas, ano da publicação e o número da página aparecem entre parênteses; LONGAS (com mais de três linhas) – em parágrafo próprio, com recuo de 4 cm da margem esquerda, espaço 1 e fonte tamanho 10. Autor, ano e página igual à citação curta.				
Localização e comentários:				
NOTAS DE RODAPÉ Adequadas ao contexto e em conformidade com as normas da ABNT.				
Localização e comentários:				
PAGINAÇÃO O número (em algarismos arábicos) das páginas está localizado no canto superior direito, conforme o padrão ABNT. As páginas pré-textuais são contadas, mas não recebem número.				
Localização e comentários:				
REFERÊNCIAS O quadro de referências está construído conforme as normas da ABNT – elemento de entrada em maiúsculas, destaque com negrito e completa.				
Localização e comentários:				
RESUMO Em, no máximo, 500 palavras, são expostos os objetivos, os métodos, os resultados e as conclusões do trabalho. Está redigido em único parágrafo, em entrelinhamento menor, sem recuo de parágrafo. A redação é feita na terceira pessoa do singular. Não há citações bibliográficas.				
Localização e comentários:				

INTRODUÇÃO Expõe o tema, justificativa, objetivos, metodologia e, de forma sucinta, a estrutura do trabalho.				
Localização e comentários:				
DESENVOLVIMENTO Composto por referencial teórico, métodos e resultados. Os itens têm títulos e subtítulos.				
Localização e comentários:				
CONCLUSÃO Os resultados são evidentes e a conclusão é satisfatória.				
Localização e comentários:				
TÍTULOS E SUBSEÇÕES Padrão ABNT: Títulos centralizado, com letras maiúsculas e em negrito; seções secundárias alinhadas à esquerda, inicial maiúscula e em negrito; seções secundárias alinhadas à esquerda, inicial maiúscula sem negrito; seções terciárias sem negrito				
Localização e comentários:				
QUADROS, TABELAS, FIGURAS, GRÁFICOS E ILUSTRAÇÕES A tabela é aberta (sem bordas laterais) e o quadro é fechado (com bordas laterais). Ambos têm bordas superiores e inferiores; há legenda e fonte, grafadas conforme as normas.				
Localização e comentários:				
EQUAÇÕES E FÓRMULAS Apresentadas em linha própria; centralizadas e numeradas sequencialmente ao trabalho.				
Localização e comentários:				
ANEXOS Identificado conforme padrão ABNT (folha de rosto com título) e numerados sequencialmente ao trabalho. Havendo mais de um anexo, cada um deles é identificado alfabeticamente. Ex. Anexo A.				

Localização e comentários:				
APÊNDICES Identificado conforme padrão ABNT (folha de rosto com título) e numerados sequencialmente ao trabalho. Havendo mais de um apêndice, cada um deles é identificado alfabeticamente. Ex. Apêndice A.				
Localização e comentários:				
SUMÁRIO Os itens aparecem na mesma sequência do texto; os elementos pré-textuais não aparecem; totalmente alinhado à esquerda com linha pontilhada entre o item e a página; as listas de figuras, quadros, tabelas e ilustrações aparecem antes do sumário.				
Localização e comentários:				
DIGITAÇÃO Não-conformidades decorrentes da digitação, como troca de letras, alinhamentos, e outras incidências.				
Localização e comentários:				